

**ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
aPErj – RIO 4**

SUPLEMENTO CIENTÍFICO

Nº 13 – OUTUBRO / 2008

Editorial

Mais um número do nosso Boletim, questionadas posições teóricas e práticas pertinentes ao fazer psicanalítico. Em nossos trabalhos, renovamos as idéias e indagações presentes na prática cotidiana. Reiterando a Ética – fio condutor exemplar e fiel.

Boletim Científico com mudanças. Sempre e ainda bem. Aceitamos artigos de outros autores (que nos interessem no momento), bem como avisos, resumos, resenhas. Artigos ligados à cultura também, dos tempos atuais ou não, mas que reflitam e agucem o olhar psicanalítico. Neste boletim, teremos dois contos de Machado de Assis – centenário da morte do escritor.

Necessário enfatizar o valor de nossa produção, testemunhando caminhos e lutas. Aberto aos candidatos do Instituto – incentivo para todos os membros.

Ana Lia, 08-10-2008

Pai Contra Mãe por [Machado de Assis](#)

Conto publicado em [Relíquias de Casa Velha](#).

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com freqüência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: "gratificar-se-á generosamente" — ou "receberá uma boa gratificação". Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantém a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto

de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

Cândido Neves — em família, Candinho —, é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos. Tinha um defeito grave esse homem, não agüentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armarinho. A obrigação, porém, de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho, e ao cabo de cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Fiel de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao Ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos.

Quando veio a paixão da moça Clara, não tinha ele mais que dívidas, ainda que poucas, porque morava com um primo, entalhador de ofício. Depois de várias tentativas para obter emprego, resolveu adotar o ofício do primo, de que aliás já tomara algumas lições. Não lhe custou apanhar outras, mas, querendo aprender depressa, aprendeu mal. Não fazia obras finas nem complicadas, apenas garras para sofás e relevos comuns para cadeiras. Queria ter em que trabalhar quando casasse, e o casamento não se demorou muito.

Contava trinta anos, Clara vinte e dois. Ela era órfã, morava com uma tia, Mônica, e cosia com ela. Não cosia tanto que não namorasse o seu pouco, mas os namorados apenas queriam matar o tempo; não tinham outro empenho. Passavam às tardes, olhavam muito para ela, ela para eles, até que a noite a fazia recolher para a costura. O que ela notava é que nenhum deles lhe deixava saudades nem lhe acendia desejos. Talvez nem soubesse o nome de muitos. Queria casar, naturalmente. Era, como lhe dizia a tia, um pescar de caniço, a ver se o peixe pegava, mas o peixe passava de longe; algum que parasse, era só para andar à roda da isca, mirá-la, cheirá-la, deixá-la e ir a outras.

O amor traz sobrescritos. Quando a moça viu Cândido Neves, sentiu que era este o possível marido, o marido verdadeiro e único. O encontro deu-se em um baile; tal foi — para lembrar o primeiro ofício do namorado — tal foi a página inicial daquele livro, que tinha de sair mal composto e pior brochado. O casamento fez-se onze meses depois, e foi a mais bela festa das relações dos noivos. Amigas de Clara, menos por amizade que por inveja, tentaram arredá-la do passo que ia dar. Não negavam a gentileza do noivo, nem o amor que lhe tinha, nem ainda algumas virtudes; diziam que era dado em demasia a patuscadas.

— Pois ainda bem, replicava a noiva; ao menos, não caso com defunto.

— Não, defunto não; mas é que...

Não diziam o que era. Tia Mônica, depois do casamento, na casa pobre onde eles se foram abrigar, falou-lhes uma vez nos filhos possíveis. Eles queriam um, um só, embora viesse agravar a necessidade.

— Vocês, se tiverem um filho, morrem de fome, disse a tia à sobrinha.

— Nossa Senhora nos dará de comer, acudiu Clara.

Tia Mônica devia ter-lhes feito a advertência, ou ameaça, quando ele lhe foi pedir a mão da moça; mas também ela era amiga de patuscadas, e o casamento seria uma festa, como foi.

A alegria era comum aos três. O casal ria a propósito de tudo. Os mesmos nomes eram objeto de trocados, Clara, Neves, Cândido; não davam que comer, mas davam que rir, e o riso digeriu-se sem esforço. Ela cosia agora mais, ele saía a empreitadas de uma coisa e outra; não tinha emprego certo.

Nem por isso abriam mão do filho. O filho é que, não sabendo daquele desejo específico, deixava-se estar escondido na eternidade. Um dia, porém, deu sinal de si a criança; varão ou fêmea, era o fruto abençoado que viria trazer ao casal a suspirada ventura. Tia Mônica ficou desorientada, Cândido e Clara riram dos seus sustos.

— Deus nos há de ajudar, titia, insistia a futura mãe.

A notícia correu de vizinha a vizinha. Não houve mais que espreitar a aurora do dia grande. A esposa trabalhava agora com mais vontade, e assim era preciso, uma vez que, além das costuras pagas, tinha de ir fazendo com retalhos o enxoval da criança. À força de pensar nela, vivia já com ela, media-lhe fraldas, cosia-lhe camisas. A porção era escassa, os intervalos longos. Tia Mônica ajudava, é certo, ainda que de má vontade.

— Vocês verão a triste vida, suspirava ela.

— Mas as outras crianças não nascem também? perguntou Clara.

— Nascem, e acham sempre alguma coisa certa que comer, ainda que pouco...

— Certa como?

— Certa, um emprego, um ofício, uma ocupação, mas em que é que o pai dessa infeliz criatura que aí vem gasta o tempo?

Cândido Neves, logo que soube daquela advertência, foi ter com a tia, não áspero, mas muito menos manso que de costume, e lhe perguntou se já algum dia deixara de comer.

— A senhora ainda não jejuou senão pela Semana Santa, e isso mesmo quando não quer jantar comigo. Nunca deixamos de ter o nosso bacalhau...

— Bem sei, mas somos três.

— Seremos quatro.

— Não é a mesma coisa.

— Que quer então que eu faça além do que faço?

— Alguma coisa mais certa. Veja o marceneiro da esquina, o homem do armarinho, o tipógrafo que casou sábado, todos têm um emprego certo... Não fique zangado; não digo que você seja vadio, mas a ocupação que escolheu é vaga. Você passa semanas sem vintém.

— Sim, mas lá vem uma noite que compensa tudo, até de sobra. Deus não me abandona, e preto fugido sabe que comigo não brinca; quase nenhum resiste, muitos entregam-se logo.

Tinha glória nisto, falava da esperança como de capital seguro. Daí a pouco ria, e fazia rir à tia, que era naturalmente alegre, e previa uma patuscada no batizado.

Cândido Neves perdera já o ofício de entalhador, como abrira mão de outros muitos, melhores ou piores. Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda. Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas. Tinha boa memória. Fixados os sinais e os costumes de um escravo fugido, gastava pouco tempo em achá-lo, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo. A força era muita, a agilidade também. Mais de uma vez, a uma esquina, conversando de coisas remotas, via passar um escravo como os outros, e descobria logo que ia fugido, quem era, o nome, o dono, a casa deste e a gratificação; interrompia a conversa e ia atrás do vicioso. Não o apanhava logo, espreitava lugar azado, e de um salto tinha a gratificação nas mãos. Nem sempre saía sem sangue, as unhas e os dentes do outro trabalhavam, mas geralmente ele os venciam sem o menor arranhão.

Um dia os lucros entraram a escassear. Os escravos fugidos não vinham já, como dantes, meter-se nas mãos de Cândido Neves. Havia mãos novas e hábeis. Como o negócio crescesse, mais de um desempregado pegou em si e numa corda, foi aos jornais, copiou anúncios e deitou-se à caçada. No próprio bairro havia mais de um competidor. Quer dizer que as dívidas de Cândido Neves começaram de subir, sem aqueles pagamentos prontos ou quase prontos dos primeiros tempos. A vida fez-se difícil e dura. Comia-se fiado e mal; comia-se tarde. O senhorio mandava pelos aluguéis.

Clara não tinha sequer tempo de remendar a roupa ao marido, tanta era a necessidade de coser para fora. Tia Mônica ajudava a sobrinha, naturalmente. Quando ele chegava à tarde, via-se-lhe pela cara que não trazia vintém. Jantava e saía outra vez, à cata de algum fugido. Já lhe sucedia, ainda que raro, enganar-se de pessoa, e pegar em escravo fiel que ia a serviço de seu senhor; tal era a cegueira da necessidade. Certa vez capturou um preto livre; desfez-se em desculpas, mas recebeu grande soma de murros que lhe deram os parentes do homem.

— É o que lhe faltava! exclamou a tia Mônica, ao vê-lo entrar, e depois de ouvir narrar o equívoco e suas conseqüências. Deixe-se disso, Candinho; procure outra vida, outro emprego.

Cândido quisera efetivamente fazer outra coisa, não pela razão do conselho, mas por simples gosto de trocar de ofício; seria um modo de mudar de pele ou de pessoa. O pior é que não achava à mão negócio que aprendesse depressa.

A natureza ia andando, o feto crescia, até fazer-se pesado à mãe, antes de nascer. Chegou o oitavo mês, mês de angústias e necessidades, menos ainda que o nono, cuja narração dispenso também. Melhor é dizer somente os seus efeitos. Não podiam ser mais amargos.

— Não, tia Mônica! bradou Candinho, recusando um conselho que me custa escrever, quanto mais ao pai ouvi-lo. Isso nunca!

Foi na última semana do derradeiro mês que a tia Mônica deu ao casal o conselho de levar a criança que nascesse à Roda dos Enjeitados. Em verdade, não podia haver palavra mais dura

de tolerar a dois jovens pais que espreitavam a criança, para beijá-la, guardá-la, vê-la rir, crescer, engordar, pular... Enjeitar quê? enjeitar como? Candinho arregalou os olhos para a tia, e acabou dando um murro na mesa de jantar. A mesa, que era velha e desconjuntada, esteve quase a se desfazer inteiramente. Clara interveio.

— Titia não fala por mal, Candinho.

— Por mal? replicou tia Mônica. Por mal ou por bem, seja o que for, digo que é o melhor que vocês podem fazer. Vocês devem tudo; a carne e o feijão vão faltando. Se não aparecer algum dinheiro, como é que a família há de aumentar? E depois, há tempo; mais tarde, quando o senhor tiver a vida mais segura, os filhos que vierem serão recebidos com o mesmo cuidado que este ou maior. Este será bem-criado, sem lhe faltar nada. Pois então a Roda é alguma praia ou monturo? Lá não se mata ninguém, ninguém morre à toa, enquanto que aqui é certo morrer, se viver à míngua. Enfim...

Tia Mônica terminou a frase com um gesto de ombros, deu as costas e foi meter-se na alcova. Tinha já insinuado aquela solução, mas era a primeira vez que o fazia com tal franqueza e calor — crueldade, se preferes. Clara estendeu a mão ao marido, como a amparar-lhe o ânimo; Cândido Neves fez uma careta, e chamou maluca à tia, em voz baixa. A ternura dos dois foi interrompida por alguém que batia à porta da rua.

— Quem é? perguntou o marido.

— Sou eu.

Era o dono da casa, credor de três meses de aluguel, que vinha em pessoa ameaçar o inquilino. Este quis que ele entrasse.

— Não é preciso...

— Faça favor.

O credor entrou e recusou sentar-se; deitou os olhos à mobília para ver se daria algo à penhora; achou que pouco. Vinha receber os aluguéis vencidos, não podia esperar mais; se dentro de cinco dias não fosse pago, pô-lo-ia na rua. Não havia trabalhado para regalo dos outros. Ao vê-lo, ninguém diria que era proprietário; mas a palavra supria o que faltava ao gesto, e o pobre Cândido Neves preferiu calar a retorquir. Fez uma inclinação de promessa e súplica ao mesmo tempo. O dono da casa não cedeu mais.

— Cinco dias ou rua! repetiu, metendo a mão no ferrolho da porta e saindo.

Candinho saiu por outro lado. Nesses lances não chegava nunca ao desespero, contava com algum empréstimo, não sabia como nem onde, mas contava. Demais, recorreu aos anúncios. Achou vários, alguns já velhos, mas em vão os buscava desde muito. Gastou algumas horas sem proveito, e tornou para casa. Ao fim de quatro dias, não achou recursos; lançou mão de empenhos, foi a pessoas amigas do proprietário, não alcançando mais que a ordem de mudança.

A situação era aguda. Não achavam casa, nem contavam com pessoa que lhes emprestasse alguma; era ir para a rua. Não contavam com a tia. Tia Mônica teve arte de alcançar aposento para os três em casa de uma senhora velha e rica, que lhe prometeu emprestar os quartos baixos da casa, ao fundo da cocheira, para os lados de um pátio. Teve ainda a arte maior de não dizer nada aos dois, para que Cândido Neves, no desespero da crise, começasse por enjeitar o filho e acabasse alcançando algum meio seguro e regular de obter dinheiro; emendar a vida, em suma. Ouvia as queixas de Clara, sem as repetir, é certo, mas sem as consolar. No dia em que fossem obrigados a deixar a casa, fá-los-ia espantar com a notícia do obséquio e iriam dormir melhor do que cuidassem.

Assim sucedeu. Postos fora da casa, passaram ao aposento de favor, e dois dias depois nasceu a criança. A alegria do pai foi enorme, e a tristeza também. Tia Mônica insistiu em dar a criança à Roda. "Se você não a quer levar, deixe isso comigo; eu vou à Cândido Neves pediu que não, que esperasse, que ele mesmo a levaria. Notai que era um menino, e que ambos os pais desejavam justamente este sexo. Mal lhe deram algum leite; mas, como chovesse à noite, assentou o pai levá-lo à Roda na noite seguinte.

Naquela reviu todas as suas notas de escravos fugidos. As gratificações pela maior parte eram promessas; algumas traziam a soma escrita e escassa. Uma, porém, subia a cem mil-réis. Tratava-se de uma mulata; vinham indicações de gesto e de vestido. Cândido Neves andara a pesquisá-la sem melhor fortuna, e abriu mão do negócio; imaginou que algum amante da escrava a houvesse recolhido. Agora, porém, a vista nova da quantia e a necessidade dela animaram Cândido Neves a fazer um grande esforço derradeiro. Saiu de manhã a ver e indagar pela Rua e Largo da Carioca, , onde ela parecia andar, segundo o anúncio. Não a achou; apenas um farmacêutico da Rua da Ajuda se lembrava de ter vendido uma onça de qualquer droga, três dias antes, à pessoa que tinha os sinais indicados. Cândido Neves parecia falar como dono da escrava, e agradeceu cortesmente a notícia. Não foi mais feliz com outros fugidos de gratificação incerta ou barata.

Voltou para a triste casa que lhe haviam emprestado. Tia Mônica arranjava de si mesma a dieta para a recente mãe, e tinha já o menino para ser levado à Roda. O pai, não obstante o acordo feito, mal pôde esconder a dor do espetáculo. Não quis comer o que tia Mônica lhe guardara; não tinha fome, disse, e era verdade. Cogitou mil modos de ficar com o filho; nenhum prestava. Não podia esquecer o próprio albergue em que vivia. Consultou a mulher, que se mostrou resignada. Tia Mônica pintara-lhe a criação do menino; seria maior a miséria, podendo suceder que o filho achasse a morte sem recurso. Cândido Neves foi obrigado a cumprir a promessa; pediu à mulher que desse ao filho o resto do leite que ele beberia da mãe. Assim se fez; o pequeno adormeceu, o pai pegou dele, e saiu na direção da Rua dos Barbons.

Que pensasse mais de uma vez em voltar para casa com ele, é certo; não menos certo é que o agasalhava muito, que o beijava, que lhe cobria o rosto para preservá-lo do sereno. Ao entrar na , Cândido Neves começou a afrouxar o passo.

— Hei de entregá-lo o mais tarde que puder, murmurou ele.

Mas não sendo a rua infinita ou sequer longa, viria a acabá-la; foi então que lhe ocorreu entrar por um dos becos que ligavam aquela à Rua da Ajuda. Chegou ao fim do beco e, indo a dobrar à direita, na direção do , viu do lado oposto um vulto de mulher; era a mulata fugida. Não dou aqui a comoção de Cândido Neves por não podê-lo fazer com a intensidade real. Um adjetivo

basta; digamos enorme. Descendo a mulher, desceu ele também; a poucos passos estava a farmácia onde obtivera a informação, que referi acima. Entrou, achou o farmacêutico, pediu-lhe a fineza de guardar a criança por um instante; viria buscá-la sem falta.

— Mas...

Cândido Neves não lhe deu tempo de dizer nada; saiu rápido, atravessou a rua, até ao ponto em que pudesse pegar a mulher sem dar alarma. No extremo da rua, quando ela ia a descer a de S. José, Cândido Neves aproximou-se dela. Era a mesma, era a mulata fujona.

— Arminda! bradou, conforme a nomeava o anúncio.

Arminda voltou-se sem cuidar malícia. Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era já impossível. Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus.

— Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço!

— Siga! repetiu Cândido Neves.

— Me solte!

— Não quero demoras; siga!

Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia. Arminda ia alegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoites — coisa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza, ele lhe mandaria dar açoites.

— Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois? perguntou Cândido Neves.

Não estava em maré de riso, por causa do filho que lá ficara na farmácia, à espera dele. Também é certo que não costumava dizer grandes coisas. Foi arrastando a escrava pela , em direção à da Alfândega, onde residia o senhor. Na esquina desta a luta cresceu; a escrava pôs os pés à parede, recuou com grande esforço, inutilmente. O que alcançou foi, apesar de ser a casa próxima, gastar mais tempo em lá chegar do que devera. Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejando. Ainda ali ajoelhou-se, mas em vão. O senhor estava em casa, acudiu ao chamado e ao rumor.

— Aqui está a fujona, disse Cândido Neves.

— É ela mesma.

— Meu senhor!

— Anda, entra...

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-reis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou.

O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as conseqüências do desastre.

Quando lá chegou, viu o farmacêutico sozinho, sem o filho que lhe entregara. Quis esganá-lo. Felizmente, o farmacêutico explicou tudo a tempo; o menino estava lá dentro com a família, e ambos entraram. O pai recebeu o filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco, fúria diversa, naturalmente, fúria de amor. Agradeceu depressa e mal, e saiu às carreiras, não para a Roda dos Enjeitados, mas para a casa de empréstimo com o filho e os cem mil-réis de gratificação. Tia Mônica, ouvida a explicação, perdoou a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil-réis. Disse, é verdade, algumas palavras duras contra a escrava, por causa do aborto, além da fuga. Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto.

— Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração.

FREUD - LACAN

"Pai contra mãe"

o terror escravagista em um conto de Machado de Assis

Luiz Felipe de Alencastro - 14/11/2005

Agradeço a Association lacanienne por ter-me convidado para esse encontro. É a segunda vez que falo aqui, e o faço com muita satisfação. Hoje abordarei um outro aspecto da questão tratada há algum tempo, já que o conto que analiso também se passa no Rio de Janeiro em meados do século XIX.

Antes de analisar esse conto de Machado de Assis, seria necessário caracterizar o que é específico da escravidão brasileira em relação à escravidão nos Estados Unidos, por um lado, e à escravidão colonial relativa às Antilhas, por outro. Deve-se também notar, sucintamente, a diferença entre a escravidão antiga e a moderna. A escravidão moderna surgiu no século XVI na periferia do mundo europeu, ao contrário da escravidão antiga que se estabeleceu no centro e na periferia dos impérios. Na Antigüidade, havia escravidão tanto na Grécia e em Roma como nas colônias gregas e romanas, ao passo que a escravidão moderna só existia na periferia, nas colônias européias. Além disso, a escravidão moderna é também caracterizada por um marcante aspecto racial. Mesmo que os ameríndios tenham sido vítimas do cativo, os escravos do Novo Mundo eram em geral africanos ou de origem africana. Enquanto que, em Roma e na Grécia, indivíduos de todas as raças podiam tornar-se cativos.

Dois contradições importantes caracterizaram a escravidão moderna. A primeira diz respeito ao contexto em que essa instituição se expandiu. De fato, foi no século XVI, quando o Renascimento fundou o humanismo, que a Europa Ocidental reatualizou a escravidão - abandonada no solo europeu há séculos - para comandar os territórios coloniais americanos.

Uma segunda contradição importante entre o escravismo e a modernidade apareceu na viragem do século XVIII. Com a independência das colônias americanas, alguns dos novos países, sobretudo os Estados Unidos e o Brasil, vão ter que gerir a escravidão nos limites previstos por leis e códigos destinados a instalar o Estado-nação contemporâneo. A significação da escravidão nos Estados independentes, como os Estados Unidos e o Brasil, foi muito diferente daquela em Guadalupe, Martinica ou Jamaica, que eram colônias, regiões onde essa instituição permanecia negócio dos colonos, dos plantadores, dos funcionários e dos serviços coloniais. Ao passo que os escravos estavam estreitamente imbricados a todos os aspectos da vida americana e brasileira, a escravidão na Martinica ou na Jamaica não mantinha senão uma relação longínqua com a vida cotidiana em Paris ou em Londres.

Evidentemente, essa distinção muda tudo. Nos novos Estados escravagistas, como os Estados Unidos e o Brasil, vai ser necessário adaptar a escravidão às novas instituições. O Código Civil, o Código Penal, o Código Comercial, as religiões, os costumes das duas novas nações devem levar em conta, em pleno século XIX, que os indivíduos vítimas do cativo são, ao mesmo tempo, mercadorias (podem ser vendidos, alugados, herdados, hipotecados) mas também homens que, nos termos da lei, não podem ser mortos ou vítimas de sevícias excessivas da parte de seus senhores. Indivíduos que podem casar-se sem que esse casamento resulte em direitos civis: o direito de manter a família sob o mesmo teto, o direito dos pais sobre seus filhos menores. Na realidade, foi somente a partir de 1879 que uma lei brasileira, aplicada muito parcialmente, começa a proibir a separação das famílias escravas no momento da venda pública. No Código Penal, as punições físicas, e em particular os açoitamentos, começam a ser suprimidas no Ocidente, mas para o escravo elas foram

reintroduzidas. Não se podia prender um escravo e condená-lo à prisão por longos períodos, pois isso o privaria do trabalho, ocasionando uma perda não compensada por nenhum benefício para seu senhor. Desde então, o Código Penal Brasileiro de 1838 precisa que, abaixo da pena de morte, qualquer outra condenação pronunciada em Justiça contra um escravo seria transformada em pena de açoites [golpes de açoites]. Por essa via, legaliza-se e perpetua-se, até 1888, a tortura em um segmento específico da população, os escravos, que eram sempre negros e mulatos. Essas deformações do sistema penal deixarão, é claro, profundas seqüelas no Brasil de hoje. Nos Estados Unidos, pelas mesmas razões, houve uma modernização da escravidão na legislação e nas teorias dominantes dos estados do Sul. Tomemos, por exemplo, o caso do poligenismo, teoria segundo a qual as raças humanas descenderiam de linhagens distintas já na origem. Quando essa idéia expande-se no Ocidente, ela representa um progresso na medida em que ela opõe as novas descobertas da paleontologia ao monogenismo tirado da Bíblia. Mas, no sul dos Estados Unidos, os defensores do racismo apropriam-se da teoria poligenista para fazer dela uma nova justificativa científica da escravidão. A idéia de uma diversidade de raças na origem da humanidade traz a água ao moinho dos escravagistas que buscam fazer valer que os negros descendem de um ramo inferior do gênero humano.

A primeira coisa que digo aos meus estudantes da Universidade, em Paris IV, é que no século XIX a escravidão no contexto colonial, no plano legislativo colonial, é muito diferente da escravidão no interior de um Estado-nação porque ela vai entrar em choque com a evolução do direito. Um ponto ainda a assinalar é a diferença entre o Brasil e os Estados Unidos. No Brasil, a escravidão era uma instituição nacional, presente em toda a extensão do território ao passo que nos Estados Unidos ela se restringe aos estados do Sul. Ela é proibida, e mesmo combatida, nos estados do Norte. No Brasil, a instituição escravagista foi muito importante, visto que o tráfico atlântico negreiro não teve seu fim senão em 1850 (em 1808, nos Estados Unidos), enquanto que a escravidão só foi abolida em 1888 (em 1865, nos Estados Unidos).

Enfim, tudo isso nos interessa diretamente para o estudo de Machado de Assis. O Rio de Janeiro apresenta a mais forte concentração urbana de escravos do Novo Mundo. Pensa-se sempre na escravidão em um contexto rural com os negros atrelados ao trabalho do campo. No Rio, temos um escravismo urbano em toda sua plenitude e complexidade. Dispomos de um censo demográfico muito preciso sobre o Rio de Janeiro e a zona rural integrada ao município efetuado em 1849. Graças a esses dados, organizados e publicados por um conselheiro municipal que conhecia muito bem a cidade, sabemos que o município do Rio (zona urbana e rural) possuía 266.000 habitantes dos quais 110.000 eram escravos. Se nos limitarmos à delimitação urbana do município, o número de habitantes era de 206.000 dos quais 79.000 eram escravos. Eis uma grande cidade de influência européia, talvez a maior capital ocidental do hemisfério sul desta época, que possuía a maior concentração urbana de escravos depois do Império romano. Não havia nenhuma cidade escravagista dessa dimensão no sul dos Estados Unidos. Uma cidade que era a capital de um império, dotado de corte, de embaixada, de funcionários, de comerciantes, de editores e de uma comunidade dominante que buscava reforçar a marca européia e ocidental no país. Assim, é uma situação muito particular visto que, no cotidiano, na cidade, os escravos estavam intimamente misturados a uma população negra majoritária: de dez habitantes do município, seis eram declarados negros. Se a eles se adiciona os mulatos livres que eram declarados brancos, a proporção de pessoas de cor devia ser ainda maior. Todos esses negros não eram afro-brasileiros, visto pelo conjunto do município, de cada três habitantes, um tinha nascido na África.

O escritor Machado de Assis que era revisor de jornal no Rio, em 1860, e que era mulato, provavelmente, sofreu humilhações e discriminações reservadas às pessoas de cor. Concretamente, havia um controle geral sobre a população escrava que vivia na cidade. Os

escravos eram submetidos a um toque de recolher: eles não tinham o direito de estar na rua depois das nove horas da noite. A polícia podia prender e brutalizar todos os escravos que circulavam depois dessa hora sem um salvo-conduto fornecido pelos seus senhores. Podia-se prender todo negro ou mulato para pedir-lhe seu salvo-conduto ou, em tal circunstância, o documento provando que eram livres ou alforriados.

O conto de Machado de Assis que examinamos foi publicado em um volume que reúne as crônicas de Machado de Assis de 1899 a 1906. Logo, ele é posterior a essa primeira data. É um dos contos em que - eu acho, mas não sou um especialista, aqui presente há especialistas de Machado de Assis que me corrigirão - ele apresenta a escravidão da maneira mais impressionante e brutal. A instituição forma uma tela de fundo, um elemento do cenário em que se desenrola a trama. Nesse conto a escravidão é o próprio centro da história. Aliás, na primeira linha do conto, o autor escreve: "A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais". Quando ele escrevia, a escravidão havia sido abolida há mais de uma década e já parecia algo do passado. Como quem não quer nada, Machado começa o conto como se fosse escrever uma anedotinha sobre uma profissão desaparecida devido ao progresso. O personagem do qual ele vai falar, Cândido, era um caçador de escravos fugidos que os capturava para entregá-los aos seus senhores. Mas ele não andava por montes e vales, vestido de botas, capa e chapéu grande, seguido por cachorros, como os caçadores de escravos que trabalhavam para os senhores das zonas rurais. Cândido trabalhava na cidade. Seu território de caça eram as ruelas, as espeluncas, os mercados, as saídas das igrejas, as procissões, as aglomerações do porto. Para os escravos fugidos no meio urbano tão denso quanto variado a melhor coisa a fazer era misturar-se à população negra, livre, alforriada ou escrava para embaralhar as pistas. Aliás, os anúncios dos jornais da época, fonte documentária extraordinária para os historiadores, descrevem todo tipo de subterfúgio usado por escravos fugidos que buscavam confundir-se com o meio urbano. Havia anúncios do gênero: "Um tal escravo, de tal tamanho, fugiu, mas ele faz semblante de ser livre e é habituado de tal parte da cidade".

Os senhores e as autoridades, é claro, faziam questão de cercar de perto a população escrava e decretavam normas proibindo todo escravo de usar sapatos. Logo, todo negro ou mulato calçado era considerado a princípio como sendo livre ou alforriado. Nessas condições, os escravos fugidos que circulavam na cidade podiam facilmente obter sapatos para evitarem ser interpelados. Isso aumentava a confusão social fazendo recair a suspeita sobre todos os negros livres. Essa situação modificou-se após 1850 quando a imigração de proletários portugueses substituiu-se pouco a pouco os escravos no mercado urbano do Rio de Janeiro. Mesmo que Machado tenha escrito seu conto mais tarde, após a abolição da escravidão, quando a população branca, brasileira e imigrada, era mais numerosa, seus leitores guardavam na memória a lembrança dessa cidade negra e escravagista da metade do século XIX.

Esses escravos urbanos, o que faziam? Eles eram alugados. Seus senhores os alugavam a terceiros. Isso conduz a uma situação particular na qual o senhor empregador do escravo não era seu senhor proprietário. Senhores confeiteiros, padeiros, maçons, marceneiros, vendedores de leilão recrutavam escravos alugados para suas atividades. Eis como a escravidão pode persistir no coração de um sistema capitalista moderno, dominado pelo salariado. O salário devido ao escravo era pago a seu mestre. Publicamos em 2001 um livro que se chama Rio de Janeiro, la ville métisse, realizado por Patrick Strauman, aqui presente, pela editora Chandeigne, no qual há desenhos do pintor francês Jean-Baptiste Debret, um dos melhores retratistas da escravidão urbana no Rio de Janeiro. Ele morou durante 16 anos na cidade (entre 1816 e 1831) e deixou-nos desenhos surpreendentes de todas as profissões urbanas exercidas pelos escravos.

Os senhores proprietários de escravos permitiam-lhes o direito de guardar uma parte de seus ganhos a fim de formar um pecúlio que, eventualmente, permitir-lhes-ia comprar sua própria liberdade. Sabemos que a proporção de escravos que podiam pagar seu próprio preço ao senhor proprietário era muito reduzida. Entretanto, isso representava a recompensa - o estímulo material - que impelia o escravo a trabalhar ainda mais, a fornecer rendimentos ao seu senhor proprietário para aumentar suas chances de comprar sua liberdade. Chamei isso do stakhanovismo da escravidão. Na situação já descrita do Rio de Janeiro, em que o escravo trabalhava para ganho de um senhor patrão a fim de fornecer uma renda ao seu senhor proprietário, surgia mesmo assim um problema. Isso acontecia quando o senhor patrão explorava o escravo até o esgotamento e a morte, causando, por conseqüência, uma perda não compensada por nenhum benefício para o senhor proprietário que perdia o capital que ele havia investido na compra do cativo. Para cobrir esses riscos, surgiu no Rio de Janeiro companhias de seguro para segurar a vida dos escravos em benefício de seus senhores proprietários.

Eis o contexto social no qual se desenvolve as atividades de Cândido, caçador de escravos fugidos, personagem central do conto de Machado de Assis. Como ele fazia para ganhar sua vida na cidade? Pela manhã, lia os jornais nos quais havia muitos anúncios de escravos fugidos. Como não havia fotos nos jornais da época, as descrições eram muito detalhadas, assinalando o sotaque do escravo, suas eventuais cicatrizes, etc., à maneira da polícia francesa da época no tocante aos condenados a trabalhos forçados que haviam fugido. Dito isto, essa descrição física comportava pontos imprecisos. Notemos também que o escravo, às vezes, tinha fugido há vários anos. Por conseqüência, a presunção de ser um escravo fugido podia pesar sobre qualquer indivíduo de cor que circulava no Rio de Janeiro e na região circunvizinha. É isso que caracteriza o terror escravagista, essa ameaça que paira sobre toda a população negra, livre ou escrava, susceptível de ser confundida com os cativos fugidos.

No seu livro *A sociedade feudal*, Marc Bloch observa que a escravidão é o domínio do arbitrário. Arbitrário que permite ao senhor fazer tal ou tal escolha em detrimento do escravo, arbitrário também que pesa sobre o estatuto do escravo que circula entre os homens livres.

Assim, após ter lido os anúncios e ter tomado notas das características dos escravos fugidos que ele acreditava poder cruzar nas ruas da cidade, Cândido saía para caçar. Com auxílio de uma corda, ele atacava a pessoa que julgava corresponder a um anúncio determinado. Antes de tornar-se um caçador de escravos fugidos, Cândido havia tentado várias profissões sem sucesso. Entretanto, ele havia se casado com Clara, uma jovem orfã que vivia com sua tia. Não tendo os meios de estabelecerem-se por conta própria, o casal morava na casa da tia. Mas eles desejavam muito ter um filho e algum tempo depois Clara engravida. O nenê vai nascer e a tia está muito preocupada porque eles não têm dinheiro, nem profissão fixa, e isso vai trazer problemas. Finalmente, quando Clara dá à luz um menino, a tia a convence a abandonar a criança na Roda dos enjeitados, isto é, trata-se de um guichê giratório instalado na fachada dos orfanatos; esse dispositivo permitia aos pais depositarem seu filho no anonimato e com toda segurança. Isso existia também em Paris e em várias cidades francesas no século XIX. Logo, a idéia de abandonar um recém-nascido era dolorosa mas, em último caso, não era escandalosa.

Após muito hesitar, o pai, cheio de desespero, pega o nenê para levá-lo à Roda dos enjeitados do Rio de Janeiro. Antes, ele decide tentar, ainda uma vez, obter dinheiro para evitar a infelicidade de perder o filho. Retoma os jornais e suas fichas sobre os escravos fugidos. Seleciona então um anúncio que promete uma grande recompensa por uma mulata fugida na cidade. O texto descreve a aparência da escrava, os bairros que ela costumava frequentar e seu nome: Arminda. Com o dinheiro da recompensa, Cândido podia pagar suas dívidas e ter um descanso. Sobretudo, isso permitia ao casal ficar com o filho. Após ter relido a descrição

dessa escrava, ele teve a impressão de já tê-la visto em um dos bairros do Rio de Janeiro. No caminho que o levava em direção à Roda, ele decidiu deixar o nenê com um de seus conhecidos para tentar, uma última vez, encontrar a mulata em determinadas ruas da cidade. Vai a esse lugar e eis que ele percebe a pessoa em questão. Ele a segue quase certo de que se trata da escrava fugida descrita no anúncio. Chama-a por seu nome: Arminda. Ela vira-se. É um reflexo totalmente espontâneo para alguém virar-se quando é chamado por seu nome. Os policiais de ontem e de hoje o sabem, nós também o sabemos. Nós, todos aqueles que sofremos com a ditadura no Brasil, e que tivemos que nos esconder e usar falsas identidades, sabemos que se trata de um reflexo inevitável do qual a polícia faz uso. Paul Harro-Harring, pintor abolicionista dinamarquês que visitava o Brasil em 1842 a pedido da Anti-Slavery Society de Londres, pintou quadros sobre a escravidão no Rio de Janeiro. Um deles representa, justamente, esse momento-chave do terror escravagista: trata-se de uma cena onde um brasileiro interpela um negro com sua mulher em quem ele acredita reconhecer um dos escravos fugidos.

Retornemos então à história. Certo de que era sua presa, Cândido salta sobre Arminda. Eles se batem e ela lhe diz suplicando: "estou grávida, me solte, eu serei sua escrava". De fato, no sistema escravagista, também era uso que os indivíduos escondessem e conservassem para seus próprios serviços escravos fugidos pertencentes a terceiros. Cândido recusa e arrasta-a até a casa de seu senhor que morava em um bairro próximo. Machado descreve bem a seqüência da cena e os leitores desse conto publicado em um jornal da época não tinham nenhuma dificuldade para seguir os itinerários.

Na medida em que eles se aproximam da casa do senhor, Arminda reage ainda mais, ela se debate e termina por abortar na entrada da casa. O proprietário de Arminda chega e dá a recompensa a Cândido. Esse volta com o dinheiro e, após um pequeno suspense, recupera seu nenê.

Sucintamente, chegando na casa dele, vai ver a tia de sua mulher e conta-lhe o que se passou. É interessante porque aqui a mãe não está presente, é um diálogo em que a mãe não intervém mais, somente a tia. Ele conta-lhe a história de Arminda e de seu aborto.

Bom, presenciamos aqui certas coisas que eu gostaria de assinalar para vocês. Eis uma situação extravagante: um proletário que ganha sua vida capturando escravos fugidos, pessoas que são tão pobres quanto ele. Mas esse proletário possui uma profissão que reforça a escravidão. Seu trabalho propaga o terror entre os negros e constitui uma lembrança permanente da presença da instituição. Por outro lado, ele quer absolutamente ter um filho, um filho que ele poderia ficar com ele, junto com sua mulher, e constituir uma família de fato e de direito. Essa garantia, o direito de ter uma família estável, o escravo não o tinha, já que, como assinalamos no início, as famílias escravas podiam ser dispersas durante os leilões públicos.

Bom, há várias outras coisas que poderiam ser ditas, mas tentei aqui simplesmente sublinhar o essencial e fico à disposição de vocês para a discussão.

1 - Texto traduzido por Maria Roneide Cardoso-Gil e revisado por Fernando Gil.

2 - Luiz Felipe de Alencastro: Professor de História do Brasil da Universidade Paris IV.

© Association lacanienne internationale 2008 - Réalisation : Omar Guerrero - oguerrero@freud-lacan.com - Patrick Petit - ppetit@freud-lacan.com - [Plan du site](#)

Esboço de uma nova teoria da alma humana

O ESPELHO

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. Como desse esta mesma resposta naquela noite, contestou-lha um dos presentes, e desafiou-o a demonstrar o que dizia, se era capaz. Jacobina (assim se chamava ele) refletiu um instante, e respondeu:

- Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.

Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que este casmurro usou da palavra, e não dois ou três minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião, - uma conjectura, ao menos.

- Nem conjectura, nem opinião, redargüiu ele; uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

- Duas?

- Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para entro... Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um

homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock, por exemplo. A alma exterior aquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. "Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; *é um punhal que me enterras no coração.*" Vejam bem esta frase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

- Não?

- Não, senhor; muda de natureza e de estado. Não aludo a certas almas absorventes, como a pátria, com a qual disse o Camões que morria, e o poder, que foi a alma exterior de César e de Cromwell. São almas enérgicas e exclusivas; mas há outras, embora enérgicas, de natureza mudável. Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos. Pela minha parte, conheço uma senhora, - na verdade, gentilíssima, - que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do Cassino, a rua do Ouvidor, Petrópolis...

- Perdão; essa senhora quem é?

- Essa senhora é parenta do diabo, e tem o mesmo nome; chama-se Legião... E assim outros mais casos. Eu mesmo tenho experimentado dessas trocas. Não as relato, porque iria longe; restrinjo-me ao episódio de que lhes falei. Um episódio dos meus vinte e cinco anos...

Os quatro companheiros, ansiosos de ouvir o caso prometido, esqueceram a controvérsia. Santa curiosidade! tu não és só a alma da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia. A sala, até há pouco ruidosa de física e metafísica, é agora um mar morto; todos os olhos estão no Jacobina, que conserta a ponta do charuto, recolhendo as memórias. Eis aqui como ele começou a narração:

- Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da Guarda Nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que esses perderam. Suponho também que uma parte do desgosto foi inteiramente gratuita: nasceu da simples distinção. Lembra-me de alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo. Em compensação, tive muitas pessoas que ficaram satisfeitas com a nomeação; e a prova é que todo o fardamento me foi dado por amigos... Vai então uma das minhas tias, D. Marcolina, viúva do Capitão Peçanha, que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuso e solitário, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda. Fui, acompanhado de um

pajem, que daí a dias tornou à vila, porque a tia Marcolina, apenas me pilhou no sítio, escreveu a minha mãe dizendo que não me soltava antes de um mês, pelo menos. E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. Jurava que em toda a província não havia outro que me pusesse o pé adiante. E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o "senhor alferes". Um cunhado dela, irmão do finado Peçanha, que ali morava, não me chamava de outra maneira. Era o "senhor alferes", não por gracejo, mas a sério, e à vista dos escravos, que naturalmente foram pelo mesmo caminho. Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido. Não imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples... Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João VI. Não sei o que havia nisso de verdade; era a tradição. O espelho estava naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos ângulos superiores da moldura, uns enfeites de madreperla e outros caprichos do artista. Tudo velho, mas bom...

- Espelho grande?

- Grande. E foi, como digo, uma enorme fineza, porque o espelho estava na sala; era a melhor peça da casa. Mas não houve forças que a demovessem do propósito; respondia que não fazia falta, que era só por algumas semanas, e finalmente que o "senhor alferes" merecia muito mais. O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu?

- Não.

- O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Custa-lhes acreditar, não?

- Custa-me até entender, respondeu um dos ouvintes.

- Vai entender. Os fatos explicarão melhor os sentimentos: os fatos são tudo. A melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada; e, se bem me lembro, um filósofo antigo demonstrou o movimento andando. Vamos aos fatos. Vamos ver como, ao tempo em que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. As dores humanas, as alegrias humanas, se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apática ou um sorriso de favor. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente

alferes. Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia grave; uma de suas filhas, casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte. Adeus, sobrinho! adeus, alferes! Era mãe extremosa, armou logo uma viagem, pediu ao cunhado que fosse com ela, e a mim que tomasse conta do sítio. Creio que, se não fosse a aflição, disporia o contrário; deixaria o cunhado e iria comigo. Mas o certo é que fiquei só, com os poucos escravos da casa. Confesso-lhes que desde logo senti uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente levantadas em torno de mim. Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espíritos boçais. O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil. Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortesias, que de certa maneira compensava a afeição dos parentes e a intimidade doméstica interrompida. Notei mesmo, naquela noite, que eles redobravam de respeito, de alegria, de protestos. Nhô alferes, de minuto a minuto; nhô alferes é muito bonito; nhô alferes há de ser coronel; nhô alferes há de casar com moça bonita, filha de general; um concerto de louvores e profecias, que me deixou extático. Ah ! pérfidos! mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados.

- Matá-lo?

- Antes assim fosse.

- Coisa pior?

- Ouçam-me. Na manhã seguinte achei-me só. Os velhacos, seduzidos por outros, ou de movimento próprio, tinham resolvido fugir durante a noite; e assim fizeram. Achei-me só, sem mais ninguém, entre quatro paredes, diante do terreiro deserto e da roça abandonada. Nenhum fôlego humano. Corri a casa toda, a senzala, tudo; ninguém, um molequinho que fosse. Galos e galinhas tão-somente, um par de mulas, que filosofavam a vida, sacudindo as moscas, e três bois. Os mesmos cães foram levados pelos escravos. Nenhum ente humano. Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? era pior. Não por medo; juro-lhes que não tinha medo; era um pouco atrevidinho, tanto que não senti nada, durante as primeiras horas. Fiquei triste por causa do dano causado à tia Marcolina; fiquei também um pouco perplexo, não sabendo se devia ir ter com ela, para lhe dar a triste notícia, ou ficar tomando conta da casa. Adotei o segundo alvitre, para não desamparar a casa, e porque, se a minha prima enferma estava mal, eu ia somente aumentar a dor da mãe, sem remédio nenhum; finalmente, esperei que o irmão do tio Peçanha voltasse naquele dia ou no outro, visto que tinha saído havia já trinta e seis horas. Mas a manhã passou sem vestígio dele; à tarde comecei a sentir a sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular. O irmão do tio Peçanha não voltou nesse dia, nem no outro, nem em toda aquela semana. Minha solidão tomou proporções enormes. Nunca os dias foram mais compridos, nunca o sol abrasou a terra com uma obstinação mais cansativa. As horas batiam de século a século no velho relógio da sala, cuja pêndula *tic-tac, tic-tac*, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade. Quando, muitos anos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow, e topei este famoso estribilho: *Never, for ever! - For ever, never!* confesso-lhes que tive um calafrio: recordei-me daqueles dias medonhos. Era justamente assim que fazia o relógio da tia Marcolina: - *Never, for ever!- For ever, never!* Não eram golpes de pêndula, era um diálogo do abismo, um cochicho do nada. E então de noite! Não que a noite fosse mais silenciosa. O

silêncio era o mesmo que de dia. Mas a noite era a sombra, era a solidão ainda mais estreita, ou mais larga. *Tic-tac, tic-tac*. Ninguém, nas salas, na varanda, nos corredores, no terreiro, ninguém em parte nenhuma... Riem-se?

- Sim, parece que tinha um pouco de medo.

- Oh! fora bom se eu pudesse ter medo! Viveria. Mas o característico daquela situação é que eu nem sequer podia ter medo, isto é, o medo vulgarmente entendido. Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico. Dormindo, era outra coisa. O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: - o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono a consciência do meu ser novo e único -porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... Não tornava. Eu saía fora, a um lado e outro, a ver se descobria algum sinal de regresso. *Soeur Anne, soeur Anne, ne vois-tu rien venir?* Nada, coisa nenhuma; tal qual como na lenda francesa. Nada mais do que a poeira da estrada e o capinzal dos morros. Voltava para casa, nervoso, desesperado, estirava-me no canapé da sala. *Tic-tac, tic-tac*. Levantava-me, passeava, tamborilava nos vidros das janelas, assobiava. Em certa ocasião lembrei-me de escrever alguma coisa, um artigo político, um romance, uma ode; não escolhi nada definitivamente; sentei-me e tracei no papel algumas palavras e frases soltas, para intercalar no estilo. Mas o estilo, como tia Marcolina, deixava-se estar. *Soeur Anne, soeur Anne...* Coisa nenhuma. Quando muito via negrejar a tinta e alvejar o papel.

- Mas não comia?

- Comia mal, frutas, farinha, conservas, algumas raízes tostadas ao fogo, mas suportaria tudo alegremente, se não fora a terrível situação moral em que me achava. Recitava versos, discursos, trechos latinos, líras de Gonzaga, oitavas de Camões, décimas, uma antologia em trinta volumes. As vezes fazia ginástica; outra dava beliscões nas pernas; mas o efeito era só uma sensação física de dor ou de cansaço, e mais nada. Tudo silêncio, um silêncio vasto, enorme, infinito, apenas sublinhado pelo eterno *tic-tac* da pêndula. *Tic-tac, tic-tac...*

- Na verdade, era de enlouquecer.

- Vão ouvir coisa pior. Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me

dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação. Então tive medo; atribuí o fenômeno à excitação nervosa em que andava; receei ficar mais tempo, e enlouquecer. - Vou-me embora, disse comigo. E levantei o braço com gesto de mau humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro; o gesto lá estava, mas disperso, esgaçado, mutilado... Entrei a vestir-me, murmurando comigo, tossindo sem tosse, sacudindo a roupa com estrépito, afligindo-me a frio com os botões, para dizer alguma coisa. De quando em quando, olhava furtivamente para o espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos... Continuei a vestir-me. Subitamente por uma inspiração inexplicável, por um impulso sem cálculo, lembrou-me... Se forem capazes de adivinhar qual foi a minha idéia...

- Diga.

- Estava a olhar para o vidro, com uma persistência de desesperado, contemplando as próprias feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes, quando tive o pensamento... Não, não são capazes de adivinhar.

- Mas, diga, diga.

- Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão sem os sentir...

Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas.

“Meu pai, este desconhecido”

Freud - 1985 “É na linguagem que o homem acha um substituto para o ato, substituto graças ao qual o afeto pode ser ab-reagido quase da mesma maneira”.

O objetivo de trazer este caso é de mostrar o desenrolar do eixo abandono- negação - raiva – submissão- reação-libertação, através da linguagem.

Este caso teve início em janeiro de 2007, sendo interrompido em janeiro de 2008, na ocasião de sua viagem de intercâmbio para o exterior, onde ficará por 6 meses. Na época, Oscar, nome que passarei a dar ao meu paciente, tinha 18 anos completos e iniciava faculdade. O início do tratamento ocorre com a perspectiva de retorno do pai do exterior, após três anos de ausência, onde faz pós-doutorado.

Oscar foi gerado no exterior, e sua mãe na ocasião do parto veio para o Brasil. Logo após seu nascimento seus pais se separaram e até hoje não se falam. Seu pai tornou a se casar, e retornou ao exterior para completar seus estudos, só voltando quando Oscar tinha quatro anos de idade, ocasião que o conheceu. Até então as únicas figuras masculinas que tinha relação eram seu avô materno e o namorado de sua mãe. Foi filho único, neto único e sobrinho único, por muito tempo. Quando tinha sete e nove anos de idade respectivamente, nasceu seu primeiro e segundo irmão paterno, passando então a relutar em ir para a casa do pai. Nesta mesma época, sua mãe passou para um concurso público em outro estado, optando por não levá-lo, e só retornava nos finais de semana. Passou então a ficar em casa com a empregada e o padrasto.

Aos onze anos de idade se nega terminantemente a ir para casa do pai, iniciando sua primeira análise. No período que antecedeu a ida do pai para o exterior, refere uma aproximação pai / filho, para novamente se estabelecer uma separação.

Material trazido para as sessões a ser trabalhado:

- 1) Oscar na sua primeira entrevista afirma ter resolvido procurar análise devido a um namoro mal resolvido com colega de faculdade, que se intitulava homossexual, e reaproximação de ex-namorada três anos mais velha, com filha de um ano de idade. Acertamos sessões duas vezes por semana.
- 2) Aos poucos foi aparecendo toda sua ansiedade e mágoa em relação ao pai, aflorada com a perspectiva de seu retorno. Sempre que fala do pai, expressa seu descontentamento, dizendo que não se interessa por nada que venha dele, não fala com ele nem pela internet, e o pouco que sabe dele é através da avó paterna.

- 3) Chama atenção suas colocações das figuras masculinas, todas fracas (avô aposentado há anos e não faz nada; avô paterno morto; pai “autista” e bundão; tio maconheiro; ex-padrasto mal conseguia se manter...), em oposição as figuras femininas fortes (mãe inteligente e simpática; avó paterna boa cozinheira; tias paternas profissionalmente bem sucedidas; namorada responsável).
- 4) Oscar logo nas primeiras sessões falou que fumava maconha, e mostrou sua indignação por ter fumar na rua se expondo ao perigo de ser pego. Questionou em várias sessões a ilegalidade da droga. Este hábito começou, quando sua mãe foi fazer curso de extensão no exterior por três meses, então “ podia fazer o que quisesse em casa” . Quando perguntei o motivo que o levou a fumar maconha, respondeu que gostava porque ficava mais falante, simpático e alegre.
- 5) O sentimento de abandono concreto pelo pai, e velado pela mãe, permeia toda a sua análise. Seus sentimentos são ambivalentes em relação aos pais. O pai não tem perdão, a mãe é perdoada.

Relato de sessão

Esta sessão representa um momento de maior emergência de material reprimido, que pôde ser falado em “palavras” e não precisou surgir no “ato”. Esta sessão ocorreu em 27/11/2007

Oscar: Hoje vim com a minha mãe para ver a passagem de avião

(intercâmbio). Não vou poder utilizar milhagem porque não dá mais... Também não vou ter tempo para tirar visto, não consegui tirar visto urgente

Analista: Está difícil ir.....

Oscar: Minha mãe está gastando muito dinheiro e minha avó não vai pagar a passagem porque já está ajudando por fora.

Analista: assim é fácil para o seu pai, sua avó o poupa assumindo as sua demandas e você também.....

Oscar : Não adianta pedir, ele vai falar não

Analista : É importante que ele fale não, até para ele saber que você tem demandas, que outros pagam. Mas também pode ser um sim

Oscar: Mesmo que seja um sim, não muda nada a minha opinião sobre ele, continua sendo um bundão

Analista : O problema então não é o dinheiro, e sim a ausência dele como pai...

Oscar : É isso mesmo, eu não gosto dele, quero que ele morra, se pudesse eu o mataria, tenho até medo de fazer alguma bobagem se ficar a sós com ele, de tanto que eu o odeio (inclui aqui também a madrasta e os irmãos), então relembra todas as faltas que o pai fez, começando pelo abandono da mãe quando ele tinha 4 meses, deixando ela na pior, mas que ela conseguiu dar a volta por cima e hoje ela é mais que o pai . Falou que só conheceu o pai quando ele tinha 4 anos, que ele nunca quis saber do que ele gostava, nunca o respeitou, tudo que ele faz é por pressão da família, só para manter as aparências. Estava transfigurado de raiva, como não o tinha visto até então...

Analista: A raiva é muito grande, é importante você falar dela para poder perdoar esses pais e poder seguir em frente

Oscar: Aqui ele faz uma pausa e fica pensativo, para logo após perguntar: Como assim?

Analista: Seus pais como todos nós humanos erramos, e erraremos, no entanto, independente deles terem errado ou não, você deve procurar perdoar esses pais internos, que não foram aquilo que você precisava e idealizava

Oscar: É verdade, fala reflexivamente, como se estivesse falando consigo mesmo.

Conclusão:

A análise se inicia com uma demanda velada. Inicialmente Oscar mostra indiferença a tudo que diz respeito ao pai, como uma forma de se proteger. À medida que o processo vai caminhando, a indiferença vai sumindo dando lugar a um enorme sentimento de raiva, raiva esta que se traduz no abandono e na omissão presentes concretamente em toda sua relação com o pai, culminando em uma explosão de sentimentos resumidos como “medo de matar o pai”. Ainda não há perdão para este pai, porém a partir do momento que se dá conta da falta, passa a ser um ser desejante, não mais submisso ao desejo do outro .

A figura materna inicialmente intocável passa a ser questionada, alternando sentimentos de amor e ódio. O abandono materno trazido sutilmente para as sessões é perdoado. A madrasta funciona como a mãe má e a mãe é poupada.

O analista é o acolhedor, a transferência fundamental é materna .

Com 3 meses de análise abandona a prática de fumar maconha, hábito este que já o preocupava, passando a reconhecer seu pouco rendimento escolar, assim como a responsabilidade do ganho ponderal de 10 Kg e dimi-nuição da capacidade física . Passou a se preocupar com uma alimentação saudável perdendo 12 Kg. Saiu da passividade para a atividade, deixando surgir o desejo.

O fato de ter conseguido deixar e não ser deixado foi um grande passo no seu processo , passou de abandonado para abandonador, largando a mãe, o pai, a namorada , inclusive o analista

O que mais me chamou atenção no processo foi a negação do abandono que o impossibilitava entrar em contato com a falta e o mantinha refém do desejo do outro. Quando retornar poderá trabalhar aspectos mais internos como o resgate das figuras masculinas tão enfraquecidas.

Dra. Marilena M Cordeiro, psicanalista em formação, Aperj

TERAPIA FAMILIAR. RELEMBRANDO.

Lindemberg Rocha

O gentil convite da Maria Helena Junqueira para que eu participasse desse encontro, acompanhado do sentido que ele tem, que é dar continuidade ao esforço para se incluir no âmbito da IPA a formação em terapia de família e de casal, esse convite, me encheu de lembranças.

A participação nesse encontro de colegas argentinos, me avivou o encanto que senti ao tomar contato com os trabalhos de Pichon-Riviere no final dos sessenta do século passado.

Não só os seus trabalhos de Psiquiatria social, com grupos familiares, grupos operativos, a hipótese da doença mental única, a conceituação da estrutura vincular etc... mas também, o encanto com seus artigos sobre o conde de Lautremont, que me levaram a ler, intrigado e surpreso Os Cantos de Maldoror.

O surgimento da terapia familiar entre nós, no Rio de Janeiro ocorreu como consequência necessária de uma nova visão do que seria a loucura e como com ela se relacionar.

Essa nova forma foi aqui representada pela Comunidade Terapêutica, alimentada certamente pela anti-psiquiatria.

Ronald Laing teve importância fundamental nessa época, fins dos anos sessenta, ao dizer que a esquizofrenia seria fruto do capitalismo e mais ainda, engendrada pela família.

Um trabalho seu, "Nós, plural de nó", procura explicitar como se dá o surgimento dos sintomas e que eles são nós na comunicação inter-familiar. A família usa mecanismos de indução e de depósito em um dos membros das questões não resolvidas da família.

Formula um conceito importante, o de *família interna*, ou seja, a internalização da rede de relações familiares, feita de maneira particular por cada representante da família.

A comunidade terapêutica representou, assim a abertura da Psiquiatria para as contribuições da filosofia, da sociologia, da antropologia, das teorias sobre grupos etc., além da tentativa de uma ação prática levando em consideração todos esses aspectos. Dai o interesse pelo trabalho com grupos e por fim com um grupo específico, a família.

Vivíamos o auge da ditadura militar-67,68.

Paradoxalmente, a comunidade terapêutica permitiu a inúmeros jovens estudantes de psiquiatria, psicologia e afins, viver e praticar no hospício aquilo que era impossível viver fora, o exercício da democracia.

Pensar a família e como dela se aproximar terapeuticamente é pensar sobre complexidades pelo número de variáveis de disciplinas diferentes que estão envolvidas. Na verdade é um estudo das interfaces, das intercessões, ou seja, uma inter-ciência com uma metodologia interdisciplinar.

Quando Laing fala de família interna fala da passagem da díade para o grupo.

Quando Pichon Riviere conceitua a noção de vínculo o faz como uma estrutura complexa que inclui um sujeito, um objeto e sua mútua inter-relação. Uma ampliação do conceito de relação de objeto, para dar conta das relações inter-pessoais.

Quando Levi-Strauss, conceitua a proibição do incesto como a passagem da natureza a cultura, novamente o que nos interessa é essa passagem, essa dobradiça como ele diz.

Porque falamos em complexidade?

Por que esses objetos de estudo não são de mesma ordem, não são isomorfos. Assim, a passagem da família para a sociedade não se faz por um contínuo, por um simples somatório de famílias. A família tem uma estrutura a sociedade outra. De ordem diferente.

Sófocles mostra isso genialmente em Antígona.

Antígona invoca um direito “natural”, familiar como justificativa para enterrar o irmão morto, contrariando Creonte, o tirano, que invoca a lei do Estado para exercer sua vontade soberana. Ou seja, só por transgressão da ordem doméstica e familiar, surge o Estado e por consequência o cidadão. A sociedade não é portanto, uma simples ampliação do círculo familiar.

Assim temos que levar em conta na terapia familiar, muito mais do que o grupo familiar.

No caso da psicose por exemplo : o que é biológico, pessoal e o que é da família. Novamente estamos lidando com uma interface

aquela entre o biológico e o psicológico. Citando Sabato, ” ...uma das trágicas precariedades do espírito, mas também uma de suas sutilezas mais profundas é sua impossibilidade de ser senão mediante a carne.”

A consideração da família apenas como estrutura com elementos articulados e inter-atuantes já nos levou a supor que se em uma família há um psicótico a família seria psicótica. Obviamente, um engano que resulta de se levar uma determinada conceituação ao seu extremo. Engano que a clínica corrige.

Da mesma forma que o biológico é permeável ao psicológico, o indivíduo o é a família e a família ao seu meio social a sua cultura. Assim como o indivíduo possui uma história, também o tem a família. Assim como a instituição familiar.

Ou seja, quando falamos de terapia familiar, estamos falando da família que conhecemos, ou seja, a ocidental, hoje, que está inserida em uma cultura judaico-cristã e imersa em determinada classe social. Na clínica particular certamente a família é frequentemente de classe média.

O nosso objeto de estudo, a família, é uma estrutura em permanente transformação. Hoje, em uma transformação acelerada. Nesse ponto não podemos deixar de nos referir a uma de causas principais, a revolução feminista.

Já é um fato aceito até por historiadores marxistas, como Hobsbawm, que a revolução feminina, foi a mais importante revolução do século XX.

Revolução que se caracteriza por três aspectos principais:

1-A revolução sexual que contou com a ajuda da ciência ao libertar a mulher da gravidez indesejada.

2- A entrada massiva da mulher no sistema de produção, ou seja, da produção extra-doméstica.

3- Por último e talvez mais importante, não é uma luta entre povos diferentes, ou entre classes sociais diferentes ou mesmo religiões diferentes.

É uma luta tenaz e cotidiana em cada família, dentro da mesma classe social, econômica, religiosa, etc.

A mulher está continuamente questionando a própria identidade do homem, obrigando-o a abrir mão do pressuposto em que é criado, ou seja, o da superioridade em função simplesmente da diferença de sexo, ou de gênero se diria hoje.

Para Marx (K), um critério para se examinar o grau de avanço de uma sociedade é exatamente a forma como se dá a relação homem-mulher.

Nesse sentido, em 1848, ele escreve: “A relação imediata, natural, necessária do homem com o homem é a relação com a mulher...A relação do homem com a mulher é a relação mais natural do homem com o homem e nesta relação aparece então, até que ponto o comportamento natural do homem se tornou humano, ou melhor, até que ponto sua essência humana se tornou essência natural. Nesta relação vemos, então, como outro homem, como homem, se torna uma necessidade para o homem e até que ponto o homem em sua existência mais individual é ao mesmo tempo, comunidade.”

As transformações advindas com a revolução feminina aliada ao capitalismo como império do consumo, teve uma conseqüência que não sei avaliar se é positiva ou não, que é a dessacralização do corpo da mulher.

O corpo é agora, algo para ser exibido. Tornou-se simples superfície como que descolado do seu possuidor e a relação sexual tende a ser cada vez mais um mero exercício tecnológico.

A questão fundamental da reprodução e da filiação passa para um segundo plano ao qual é relegado também a responsabilidade social das relações entre o homem e a mulher. É o fim da sagrada família.

2-Família e Psicanálise.

A família como grupo atuante psicologicamente não mereceu a atenção de Freud.

Como diz Norbert Elias, é provável que ele considerasse a família como parte do que ele chamava realidade em contraposição às fantasias. Conceituou os seus achados de um modo que levou a crer que todo ser humano é uma unidade fechada em si mesma, *um homo clausus*.

Entretanto considerou como núcleo central das neuroses, o complexo de Édipo.- que é uma forma literária de se referir a uma família primeva, mítica, original. Porém uma estrutura intrapsíquica.

Já falamos que podemos considerar a família do ângulo sincrônico, que é a estrutura ou do ponto de vista diacrônico que é o da história.

Freud também patinou nas questões da estrutura e da história. Assim quando fala do complexo de Édipo ele o faz no sentido de uma estrutura atemporal, fixa no tempo. Mas o homem é um ser histórico.

Da mesma forma o mito do Pai primevo, o Pai da horda, se situa num tempo mítico, atemporal, não sendo obstáculo para Freud dele derivar uma estrutura - o Édipo.

Ora, como dizem os etnólogos não há nenhuma razão para se acreditar que a estrutura da família tenha sido sempre a patriarcal. Pelo contrario. Os chamados fosseis sociológicos, ou seja, restos de estruturas anteriores a patriarcal, sobrevive em algumas sociedades .

O exemplo clássico são as sociedades em que o parentesco se faz pela mãe. O pai biológico não tem função alguma, a não ser a reprodutiva, quando disso tem conhecimento. A função Pai é exercida pelo irmão da mãe.

Embora não tenha prestado atenção na família como grupo atuante psicologicamente, Freud em seus achados leva sempre em conta a família interna, quando não a concreta, de carne e osso.

Nos alvares da psicanálise, em 1897, Freud genialmente faz uma descoberta que considera de suma importância, algo como um *caput nili* da neuropatologia.

Usa uma metáfora antiga - a descoberta das nascentes do Nilo-para se referir a sua descoberta das nascentes da psicanálise que é a teoria da sedução. Teoria que consiste em colocar em relação uma realidade efetiva, concreta - a sedução – com uma teoria que pretende explicar a totalidade da psicopatologia. Surge assim a noção de recalçamento , gênese do sujeito humano, possuidor de um inconsciente e de uma sexualidade. Sabemos que o sedutor imaginário é quase sempre o pai ou alguém da família. Novamente a conceituação passa pela família.

3-Terapia analítica de família.

Quando falamos de terapia de família, estamos nos referindo a terapia do grupo familiar. Ou seja, estamos considerando a família como um grupo que possui um funcionamento não só no plano consciente como também no inconsciente.

É uma terapia grupal, cujos componentes possuem uma história consciente em comum e um inter cruzamento extremamente complexo de inconscientes individuais. Seria temerário, penso eu, falar em inconsciente familiar a não ser como uma liberdade de linguagem.

Essa íntima inter-relação frequentemente adquire uma importância determinante na evolução psíquica dos seus membros adquirindo tonalidades de um quase destino.

Podemos a partir da clínica dizer que determinantes sociais funcionam como uma superestrutura para algumas famílias promovendo funcionamentos perversos por submeter todos ao projeto de um. É o caso do self made man.

Outras vezes, são frustrações sociais que se tenta reparar através dos filhos.

No plano da história da família, vemos o sofrimento surgindo dos próprios fatos da vida que exigem uma elaboração constante como separação dos pais, o crescimento dos filhos e sua saída de casa, doenças, envelhecimento, psicose, morte, etc.

A psicose, aliás foi o objeto primeiro da terapia familiar. Entre outras razões por ser um ponto de resistência tanto a psicanálise quanto a psicofarmacologia. E continua sendo.

Diferentemente da análise individual, a terapia de família gira com incômoda frequência em torno do pai. Não só o pai de carne e osso, mas principalmente o pai simbólico. As famílias que procuram terapia, frequentemente estão às voltas com problemas que vão além da simples neurose. Questões que envolvem os excessos. Os excessos emocionais, os excessos aditivos, etc.

Sendo assim, problemas em torno dos limites, em torno da Lei, simbolizada pelo Pai.

Sabemos também que com frequência essa função – a de pai simbólico – é exercida pela mãe. Presenciamos também os transtornos que essa confusão de papéis, confusão de línguas, causa. Entretanto, não é possível, acredito eu, ser pai sem a concordância da mãe.

Penso que esse poder da mãe é um desses fosses sociológicos que o tempo transformará cada vez mais em meras sombras de um passado longínquo. Herança do matriarcado.

O que é a recente lei da guarda compartilhada senão a luta do pai contra o império da mãe?

Uma vez, um pai aflito, perplexo, me procurou. Tinha um filho de cinquenta anos, músico de algum talento, mas totalmente dependente dele. Não suportava mais aquilo.

Já no telefonema inicial, a sua questão era muito precisa; até quando um pai é pai. Questão intrigante até por sua simples formulação.

Alguém já se perguntou até quando uma mãe é mãe?

Por continuar me intrigando trouxe a questão para vocês.

Tenho uma hipótese inicial. Sendo a paternidade humana uma invenção da sociedade, como escreveu Margaret Mead, a invenção tem uma data, que só pode ser a passagem do matriarcado para o patriarcado. Um tempo que não conhecemos.

É o fato de ser uma invenção, que esse lugar tem que ser inventado a cada vez que alguém se torna pai. Daí a precariedade do lugar, daí a dificuldade de tantos pais serem pai.

É por ser uma invenção social que um pai se pergunta até quando um pai é pai.

Por que as mães não fazem a mesma pergunta?

Voltando as categorias de Levi Strauss, se o pai é um fenômeno da Cultura a mãe é exatamente o lugar do encontro entre a Natureza e a Cultura. Não há lugar para a dúvida do seu lugar.

4) Conclusão:

Pensei em concluir fazendo algumas observações sobre um caso que deixou a muitos perplexos. O caso do engenheiro austríaco que manteve em cativeiro e teve sete filhos com a

própria filha. O que eu sei da história são relatos esparsos lido nos jornais e que me chamaram a atenção.

Em primeiro lugar, a sua declaração que não era um monstro. Seria um monstro segundo ele, se fosse pedófilo. O fato de ter filhos com a filha, não mereceu nenhum comentário. Para ele, a endogamia seria natural, como que seguindo as constatações dos antropólogos de que a proibição do incesto só é absoluta para a relação de filhos com a mãe.

Filho único foi criado pela mãe que segundo ele expulsou de casa o seu pai, por ser mulherengo e irresponsável. Não se casou de novo. Será que a endogamia já começou com a mãe?

O método usado. Contou com a ajuda da prefeitura para construir um bunker. A ameaça para que a filha não gritasse era a inoculação de gás no interior do porão. Reeditando assim as práticas nazistas.

Quando perguntado se a última guerra teria tido alguma influência no ocorrido, ele respondeu que talvez, sim.

Obviamente são mínimos fragmentos de um caso, mas que mostra com clareza o entrelaçamento entre a história pessoal - abandono pelo pai, casamento com a mãe, Ao mesmo tempo a prática da endogamia que só desapareceu dos costumes humanos e não totalmente com a proibição do incesto. E por fim com a história social que lhe coube viver - a segunda guerra mundial

Referencias bibliográficas:

- a) Buarque de Hollanda, S – Raízes do Brasil- Companhia das Letras , 2006
- b) Carneiro Leão, E – A ética da violência. Conferência na aPERJ-Rio4, Gravação - 2004
- c) Cerroni, U e outros- A crise da família e o futuro das relações entre os sexos.
- d) Elias, N e Scotson, J – Os estabelecidos e os “outsiders”- Jorge Zahar Editor – 2000
- e) Freud, S- Totem e Tabu Rio Imago Editora, 1974
- f) Jackson, D Pragmática da comunicação humana .Sao Paulo Editora Cultrix 1973
- g) Laplanche, J – Teoria da sedução generalizada – Porto Alegre. Artes Medicas , 1988
- h) Levi-Strauss, -As estruturas elementares do parentesco. Vozer , 1976.
- i) Rocha, Lindemberg—
 - a) Estudo das relações psicológicas entre o indivíduo e a família e suas repercussões teórico-clínica .Dissertação de Mestrado em Medicina Social –IMS UERJ – 1980.
 - b) Terapia Familiar .Por que ? in Grupo sobre Grupo. Org. Py, L.A –Ed Rocco 1987
- j) Sábato, E.- Sobre Heróis e Tumbas- Ed Francisco Alves – 1980.
- Santos, O e Simplicio, W- Uma experiência piloto no Hosp.Odilon Galotti. In Revista do Serviço Nacional de Doenças Mentais, 1967.
- Sófocles.- Antígona .Difel-Rj 2001 –Tradução de Domingos Cegalla.

O PEDÓFILO E O SEU MUNDO INTERNO

Considerações teóricas e clínicas sobre a análise de um paciente.

Franco De Mais

**PS: Este texto é 'apenas material para leitura e estudo', por causa de direitos autorais.
Eliana Lobo**

A característica fundamental do tratamento de pacientes pedófilos é a distância que separa analista e paciente. Por mais que o analista seja capaz de compreender e de ouvir empaticamente o paciente, o mundo da pedofilia lhe aparece, especialmente no início do tratamento, incompreensível e desoladamente distante.

Este trabalho descreve a terapia analítica de um paciente pedófilo.

A organização patológica que o domina é sustentada por um núcleo delirante no qual um objeto (uma criança ou um adolescente) idealizado e venerado como um ídolo, toma o lugar dos pais, prometendo um prazer sexualizado.

A evolução positiva desse caso nos leva a pensar que, se forem tratadas analiticamente, algumas formas de pedofilia podem ser passíveis de mudanças.

“A única coisa respeitável de minha existência é meu nascimento. O resto não é adequado para ser publicado”.

Esta é a declaração feita ao seu biógrafo por Norman Douglas, um escritor inglês do século passado que viveu por longo tempo em Capri.

Douglas aludia à sua atração por rapazinhos e ao seu amor por um deles, com o qual conviveu por um longo período.

Uma outra declaração sua havia sido: “Circundados por crianças e rapazes: somente isto mantem a mente sempre jovem”.

Para o pedófilo (como Douglas) a criança, de fato, não é somente um ser sexualizado, mas também um objeto que traz consigo energia e vitalidade.

A pedofilia entre antigo e moderno

A verdadeira pedofilia parece, à primeira vista, distante da violência.

É sabido que em certas populações, em algumas épocas históricas, uma forma de pedofilia era permitida e podia até assumir um caráter ritualístico institucionalizado. Na Grécia era freqüente uma relação sexual entre homens adultos e adolescentes, dentro de uma experiência de crescimento espiritual e pedagógico. Enquanto o amor homossexual pelo adolescente era permitido, ao contrario era punida a homossexualidade promíscua com caráter pornográfico ou mercenário. Da mesma forma eram severamente punidas as relações sexuais com as crianças impúberes. De fato na relação amorosa a idade da criança não devia ser inferior aos 12 anos.

O fenômeno da pedofilia “aceita socialmente” acabou juntamente com o mundo grego e, atualmente, nos é completamente estranha em virtude da profunda transformação que houve, ao longo do tempo, na relação entre adulto e criança, especialmente por causa da mudança na concepção da sexualidade e da diferença entre gerações.

Para voltar ao problema da pedofilia como fato atual, é importante notar que o fenômeno novo, característico do mundo contemporâneo, é a organização social da pedofilia (e da perversão em geral) e não a estrutura mental que a sustenta.

O fato novo em nossos dias é o aspecto macroscópico que o fenômeno da pedofilia adquiriu. Na internet existem canais de oferta do produto, segundo os gostos e as preferências do cliente.

As organizações pedófilas, como está acontecendo para outras formas de perversão, aspiram sair da clandestinidade para poder se agregar e obter validação e consenso.

Este tipo de propaganda tem o objetivo de retirar a pedofilia da prática solitária e, legitimando a escolha sexual dos adeptos, cancelar seu intento transgressivo e a culpa conseqüente.

Atualmente a pedofilia tornou-se um fenômeno difuso, com interesses comerciais e turísticos consolidados. O encontro entre o mundo industrial ocidental e a fome dos povos do terceiro mundo permite que a infância dos fracos seja violada sistematicamente em escala mundial. As imagens televisivas mostram meninas, vendidas pelos pais nos campos, ou meninos, prostitutos complacentes precocemente queimados na luta pela sobrevivência nas cidades, que oferecem seu corpo a grupos de ocidentais com os bolsos cheios de dinheiro.

Uma outra característica material da pedofilia é a quantidade de material erótico e pornográfico em circulação, que vai desde a editoria até a produção de vídeos.

A indiscutível visibilidade das condutas pedófilas e a maior atenção da mídia e da opinião pública ao problema (basta pensar nos fatos acontecidos na igreja católica dos Estados Unidos e, mais recentemente, na brasileira) deveriam levar, no futuro, a uma pesquisa de terapia analítica também para esse tipo de perturbação.

Este meu trabalho quer ser uma contribuição para possíveis experiências clínicas nesse campo.

Pedofilia e Psicanálise

Krafft-Ebing (1902) foi quem primeiro individuou a doença e cunhou o termo pedofilia erótica, subtraindo-a ao julgamento moral e ligando-a a uma predisposição mórbida.

O estatuto psicopatológico e o tratamento da pedofilia aparecem pouco na leitura psicanalítica.

Poucos são os trabalhos nos quais são descritas terapias de pacientes pedófilos (Karpman, 1950; Socarides, 1959; Glasser, 1988; Arundale, 1999).

Uma ampla panorâmica sobre a pedofilia está presente no volume monográfico do colega italiano Schinaia (2001) que discute amplamente as teorias psicanalíticas que podem estar ligadas à pedofilia e identifica suas expressões culturais presentes nos mitos, nas fábulas ou nas produções literárias.

Mais recentemente, um volume editado por Charles Socarides e Loreta Loeb (2004) aborda a terapia da pedofilia e traz casos de alguns pacientes que abusaram de crianças. Todavia, em alguns dos casos relatados, é difícil encontrar a configuração da verdadeira pedofilia. A principal característica de alguns pacientes parece ser uma estrutura mental simil-psicótica (um caso, inclusive, com uma internação psiquiátrica em virtude de um franco episódio psicótico) que foi colocada no centro do tratamento.

Freud parece ter pensado na pedofilia mais como um ato ocasional do que como uma verdadeira perversão.

Nos Três ensaios sobre a teoria sexual (1905) afirma que as crianças são objetos substitutivos para aqueles que não conseguem ter relações sexuais com outros parceiros, só excepcionalmente são o objeto sexual exclusivo. Todos seus primeiros casos clínicos estão

repletos de episódios de sedução infantil realizada por empregados, babás ou parentes. Esta constatação pode tê-lo levado a pensar que a origem da neurose residia nos traumas sexuais infantis.

Uma das razões da reduzida literatura analítica sobre o assunto é que os pacientes pedófilos só raramente pedem espontaneamente uma terapia.

Também os tratamentos, prescritos na seqüência de medidas legais, são aceitos somente enquanto úteis alternativas à pena. Mas uma terapia não escolhida espontaneamente e que não permite uma inter-relação sistemática e profunda, freqüentemente mantém a área pedófila cindida e encapsulada. Portanto, também na presença de melhora de alguns aspectos da personalidade, tais terapias não garantem que a conduta pedófila não se repita.

Classificações

Em primeiro lugar, há o problema de como considerar a pedofilia.

O ato pedófilo pode ser único, um acontecimento excepcional que não tem nada a ver com a inteira personalidade de quem o realiza, ou deriva da estrutura da personalidade e tem tendência a se repetir?

O pedófilo pode ter relações sexuais também com adultos e conduzir uma vida conjugal aparentemente normal ou se dedica exclusivamente à relação erótica com a criança?

O ato do pedófilo de abuso sexual em relação ao menor implica sempre uma violência que, levada ao extremo, pode se transformar em agressividade criminosa? Ou, ao contrário, é necessário operar distinções entre criminalidade sexual sobre menores (da mesma forma com o que acontece para os crimes sexuais contra as mulheres) e verdadeira pedofilia que, por si só, está longe da violência?

O abuso sexual de menores não é sempre sinônimo de pedofilia, mas pode derivar de outras condições psicopatológicas (por exemplo, esquizofrenia e deterioramento mental). Fala-se, então, de pedofilia secundária.

Em uma pesquisa realizada junto ao Hospital Psiquiátrico de Castiglione delo Stivere (Jaria, 1969), dos 156 casos de pacientes abusadores, a metade era de deficientes mentais, seguiam os esquizofrênicos, depois os alcoólicos crônicos e, finalmente, pessoas com perturbações da idade evolutiva.

É claro que essas estatísticas levam em consideração pessoas que foram imputadas e condenadas e por tanto não são significativas para o problema do verdadeiro pedófilo que, hábil em evitar as conseqüências legais de seu ato, na maioria das vezes não chega a medidas judiciais.

É importante, também, distinguir da verdadeira pedofilia, as violações sexuais que se realizam no interior da família.

Ainda que existam analogias profundas entre as duas condições (ambas anulam o tabu do incesto e a diferença entre gerações), o genitor que abusa da filha/o encontra-se, às vezes, em uma posição regressiva por causa de uma verdadeira doença psíquica.

Glasser (1988) observa justamente que o incesto comporta complexas dinâmicas intra-familiares que são completamente estranhas à pedofilia.

Podemos distinguir duas formas de pedofilia: a estruturada ou a ocasional.

Quando os objetos sexuais são unicamente crianças ou adolescentes falamos de pedofilia estruturada, que pode ser hetero ou homossexual.

Se o pedófilo conduz uma vida aparentemente normal e tem relações sexuais também com adultos trata-se de pedofilia ocasional, neste caso existe também certo grau de consciência e de culpa pelo ato pedófilo.

Todavia também nas formas ocasionais, tratadas em psicoterapia e na qual o ato sexual parece atuado em condições de estresse, podemos descobrir a existência de um imaginário pedófilo que trabalha sob a máscara de uma sexualidade aparentemente normal (Glasser, 1988).

Socarides (1959) pensa que a pedofilia ocasional se manifesta mais facilmente na idade de meio ou no início da velhice, quando importantes mudanças psicológicas alteram as defesas contra os impulsos sexuais.

A Pedofilia pode se apresentar sozinha ou combinada com outras formas de perversão. A forma mais perigosa é a sádica.

Levando em conta esse último aspecto, eu distingo duas formas de pedofilia. a romântica e a cínica.

A pedofilia “romântica” se alimenta da figura idealizada e erotizada do menino/a. Norman Douglas, James Barrie, autor de “As aventuras de Peter Pan” e Lewis Carroll, que escreveu: “Alice no país das maravilhas” poderiam ser exemplos desse tipo de pedofilia. O mundo do pedófilo “romântico” está, de fato, centrado na vida dos menores seja no vértice afetivo seja no do imaginário erótico: o objeto de atração é mais frequentemente um adolescente, e não uma criança. Isso não significa que a pedofilia, nesses casos, se limite à sublimação da sexualidade: o seu resultado é sempre uma aproximação sexual concreta.

Um famoso exemplo literário de pedofilia “romântica” está presente no romance Lolita de Nabokov, no qual um professor universitário, bastante solitário e melancólico, se apaixona com um amor intenso pela adolescente Lolita. Ao descrever um encontro entre a dependência erótica do adulto e a esperteza da adolescente, Nabokov mantém ambíguo entre os protagonistas o papel de vítima. Lolita, uma moça rapidamente crescida em um mundo cínico e pequeno burguês, aparece muito mais corajosa do que o literato, completamente indefeso e submisso à sua paixão. Nessa forma de amor pedófilo, também o adulto pode terminar em uma na posição de vítima dominada.

Na pedofilia “cínica” a fantasia de base é sádica: O estado de excitação mental é alcançado somente imaginando possível maus tratos ou violências sobre a criança. O prazer não deriva do desejo sexual, mas de poder fazer tudo o que se quer sobre um objeto submisso. A criança, de fato, é mais adequada do que outros a se tornar o objeto da fantasia criminosa sádica. Frequentemente esse objetivo é alcançado utilizando fotos ou filmes do comércio ilegal pedo-pornográfico.

Podemos nos perguntar se, na pedofilia “cínica”, o sadismo representa um inconveniente que pode ser evitado ou se faz parte da dinâmica intrínseca da estrutura perversa da pedofilia. De um ponto de vista dinâmico, podemos intuir porque a sexualidade dirigida às crianças pode ser particularmente adequada para a instalação do sadismo. Se a criança é desejável porque submissa e psicologicamente indefesa, é possível, de fato, que a relação assimétrica (adulto-criança, dominante-dominado), que caracteriza a perversão pedófila, tenha um acréscimo em direção à excitação sádica.

Em todo caso, a pedofilia, mesmo sendo caracterizada pela assimetria da relação, qualidade que a aproxima do sadomasoquismo, não necessariamente leva ao prazer da violência sádica. É necessário operar, portanto, uma distinção entre as formas de criminalidade sexual sobre menores e a verdadeira pedofilia que, por si só, está distante da violência.

Mesmo que o ato sexual pedófilo constitua sempre um abuso, os pedófilos “românticos” mostram frequentemente aspectos altruístas ou capacidades educativas e criativas nas suas relações com os menores, em oposição aos “sádicos” que não tem nenhuma relação com as crianças e não sentem nenhum fascínio pelo mundo infantil.

Características do mundo pedófilo.

1) Na pedofilia a relação é “assimétrica”. O amor pedófilo pode ser considerado como uma defesa de uma relação com um objeto sentido como independente.

2) No pedófilo a idealização do corpo infantil ou adolescente se acompanha à aversão pelo aspecto físico e pelo mundo psíquico e emocional dos adultos. Tão logo aparecem no menor os caracteres sexuais secundários, a rápida e inesperada irrupção da corporeidade adulta destrói a idealização da beleza infantil.

3) O pedófilo quer ser um rapaz junto com outros rapazes no mundo das brincadeiras e da fantasia; como Peter Pan, quer parar o tempo e realizar o mito da eterna juventude.

Explica-se assim a natural tendência do pedófilo para as profissões que favorecem uma contínua freqüência do mundo infantil e adolescente. No seu imaginário os pais não existem: a criança é um “*puer beatus*”, auto-gerado e capaz de total autosuficiência.

4) Freqüentemente, os pedófilos foram crianças isoladas, que se sentiram excluídas pelos colegas da mesma idade, dos quais invejaram a vitalidade. Como adultos, desejam possuir aquelas mesmas crianças que admiraram e invejaram. A relação amorosa e sexual com a criança ou o adolescente exprime também uma fantasia de recuperação da vitalidade perdida ou nunca possuída.

Quem não se lembra do escritor Aschenbach, às voltas com a crise da própria criatividade e atormentado pela idéia do envelhecimento que, em *Morte em Veneza* de Thomas Mann, se apaixona pelo adolescente Tadzio?

Os pedófilos “românticos”, mesmo declarando serem os únicos a compreender as crianças ou os adolescentes, compreendem mal o mundo infantil porque o sexualizam: a intimidade e o calor infantil freqüentemente são mal entendidos, encarados como um convite em participar do mundo sexual.

No caso da pedofilia, a sexualização da realidade psíquica poderia depender de traumas ou abusos sexuais infantis.

Freqüentemente, todavia, o futuro pedófilo não sofreu violências sexuais. Pode, ao contrário, ter gozado de privilégios ou ter sido objeto de pressões sedutoras por parte de um ou de ambos os pais.

Não raro, os pedófilos foram crianças inteligentes, sensíveis e privilegiadas, que tiveram uma infância de conto de fada da qual saíram de forma traumática, em seguida à perda da confiança nos pais. Por causa disso, se refugiaram em um mundo sexualizado, fonte contínua de excitação e de sustentação.

A experiência de um retiro sexualizado infantil determina, inconscientemente, a crença do pedófilo de que toda criança esteja “normalmente” desejosa de experiências sexuais.

O paciente descrito por Arundale (1999) declarava que o seu desejo principal era o de fazer as crianças felizes e imaginava um país abençoado no qual era permitido ter relações sexuais com elas.

Gostaria, agora, de fazer alguns breves comentários sobre a origem da perversão em geral e da pedofilia em particular.

Os comportamentos perversos têm sua origem na infância. Eles exprimem uma dependência de um estado de excitação mental que não deve ser absolutamente confundido com o exercício da sexualidade relacional.

A sexualização, presente na perversão pedófila, é sustentada por fantasias auto-criadas em um estado psíquico de retiro, que altera a percepção da realidade psíquica e emocional e que adquire o caráter de uma dependência drogada. Desta forma, o pedófilo vê na criança e no

adolescente um sujeito que deseja a sexualidade e se propõe continuamente como objeto sexual.

Geralmente, o comportamento sexual desviado se origina na primeira infância de crianças abandonadas, carentes e isoladas. Essas crianças se refugiam em um mundo fantástico sexualizado.

É este estado mental que mais adiante, juntamente com a desilusão que deriva do mundo dos adultos e a recusa a crescer, irá sustentar a evolução em direção à pedofilia.

Uma terapia analítica

Falarei agora de um paciente pedófilo, homossexual, cujas fantasias pedófilas estão intimamente ligadas às sádicas e masoquistas. A terapia analítica, conduzida com quatro sessões semanais e iniciada há quatorze anos, caminha agora para a sua conclusão.

Neste trabalho, vou me concentrar principalmente sobre a natureza da estrutura patológica que sustenta a pedofilia do meu paciente e descrever as transformações que aconteceram na análise.

O ponto de vista que proponho destaca a especificidade do trabalho analítico com este tipo de paciente e procura identificar o que deve ser analisado em primeiro lugar. Com isto não quero fazer uma distinção artificial entre o verdadeiro tratamento analítico (que tem como base a dinâmica da transferência-contratransferência, a interpretação das fantasias ou das identificações projetivas, etc.) e o tratamento “do núcleo pedófilo”.

Como assinalei antes, considero o mundo da pedofilia como determinado por um núcleo sexualizado, cindido do resto da personalidade, que tenta seduzir continuamente a parte sadia do paciente.

Subtrair o paciente ao poder dessa estrutura patológica representa a principal tarefa analítica. Dentro do mundo sexualizado que sustenta a pedofilia, o analista pode ser envolvido constantemente nas fantasias e nos sonhos do paciente, representando transferencialmente, a cada vez, as figuras parentais do passado, os objetos internos do paciente ou uma nova figura que pode facilitar o desenvolvimento de sua parte sadia.

Michele, assim chamarei o paciente, é um homem de trinta anos que tem como objeto de atração sexual crianças ou jovens pré-púberes aos quais dedica, além de sua profissão (como educador), também a maior parte de seu tempo livre. Ele está realmente atraído pelo mundo das crianças e dos adolescentes e extrai da presença deles um prazer vivificante. Apesar da presença de fantasias perversas que têm como protagonistas adolescentes com os quais se identifica, a idealização do mundo infantil e adolescente faz pensar em Michele como um pedófilo mais “romântico” do que “cínico”. Considero, entretanto, que sem a ajuda da análise também a componente “romântica” de Michele teria cedido, mais cedo ou mais tarde, ao domínio da componente “cínica”.

As fantasias sadomasoquistas remetem à primeira infância.

Ele lembra como, desde pequeno, conseguia alcançar estados de orgasmo mental mediante fantasias que tinham como tema histórias de submissão, feridas e sofrimentos.

A homossexualidade afirmou-se na adolescência, época em que se sentiu atraído sexualmente por companheiros da mesma idade. Nunca teve uma verdadeira relação e, durante algumas tentativas de relação sexual, descobriu-se impotente.

A atração pela pedofilia constituiu, talvez, uma solução para a derrota sofrida: em torno dos vinte e cinco anos tentou seduzir sexualmente um irmãozinho pré-adolescente e se apaixonou por um menino de dez anos, filho de uma vizinha.

Na infância, uma relação privilegiada com a mãe o colocou em uma posição especial em relação aos outros irmãos (uma irmã maior e outros quatro menores, entre os quais dois homens).

Na adolescência, esta relação entrou em crise quando a mãe, ela também atraída pelo mundo adolescente, desenvolveu uma ligação idealizada com um companheiro do filho, percebido também pelo paciente como muito bonito e desejável.

A partir desse momento o paciente se afastou dela com raiva. As relações com o pai, naquela época, já eram muito perturbadas.

Depois da primeira infância, aparentemente sem conflitos, o pai havia tentado educá-lo de forma autoritária, conduzindo-o em direção a uma posição de submissão rebelde, com uma mistura de sentimentos de medo e de perseguição.

Mesmo sendo uma pessoa adulta, capaz de desenvolver um papel intelectual e uma função de tipo social, Michele não tem contatos significativos com os adultos. Busca constantemente o encontro com crianças e adolescentes (sempre do sexo masculino) e se dedica a formar grupos de jogo, propondo-se como animador: são essas mesmas crianças ou rapazes que, depois, povoam suas fantasias sexualizadas.

A percepção de seu isolamento e o medo de ficar totalmente dominado pelas fantasias pedófilas e sadomasoquistas o levaram a pedir ajuda analítica.

Lembro o primeiro sonho de análise: “Um menino é raptado e levado para os bordéis do sudeste asiático. Quando volta está transformado: parece um idiota, uma criança-down.”

O conteúdo do sonho evidencia a angústia do paciente de não poder mais controlar a excitação sexualizada (o prostíbulo), percebido como um acontecimento perigoso e irreversivelmente destrutivo para a mente.

Por um longo período de análise, as sessões são dominadas pelas fantasias sexuais sadomasoquistas e pedófilas, descritas repetidamente e com minúcia de detalhes.

Uma fantasia típica, com muitas variantes, é aquela em que uma relação homossexual entre um adulto e um rapazinho se transforma em uma relação sadomasoquista na qual o paciente, identificado com ambos os parceiros, usufrui da complacência ativa do rapaz e das iniciativas sádicas do parceiro.

Fantasias desse mesmo tipo, sem nenhum disfarce, aparecem também nos sonhos, que parecem não ser muito diferentes das construções que o paciente faz no estados de vigília.

Por longos períodos, a sala de análise é literalmente invadida por sonhos que têm como ambiente antros escuros nos quais irrompem figuras monstruosas. Animais primitivos são cavalgados em uma crescente excitação, enquanto crianças são freneticamente despidas, penetradas ou sadicizadas.

É neste primeiro período que Michele desenvolve comigo uma transferência polemica e agressiva.

Especialmente, sou objeto de projeções maldosas e juízos ferinos sobre minha incapacidade de pensar ou sobre minha arrogância de adulto narcisista.

Se eu quisesse enquadrar a relação analítica dos primeiros anos de análise na ótica da transferência perversa, poderia dizer que Michele se inspira em uma técnica consolidada que consiste em projetar no interlocutor irritação e raiva até chegar a provocar neste uma reação contra-agressiva. Quando percebe ter alcançado o objetivo, ele se torna frio e racional e do alto de sua torre de marfim pode estigmatizar o comportamento do outro.

Na sua relação agressiva, ele sempre encontra alguém a quem atribuir toda responsabilidade e culpa. Na transferência o analista, no passado os pais, na vida cotidiana pessoas com as quais entra continuamente em conflito e que adquirem, quando representam a autoridade, o papel de perseguidores odiados e provocados com ostensiva inocência.

Ao longo da sessão demonstra uma especial capacidade em separar do contexto uma frase minha que, assim isolada e distorcida, aparece aos seus olhos particularmente oclusiva da compreensão, estúpida ou ofensiva.

Após ter identificado, desta forma, um evidente elemento de ofensa de minha parte, ele pode dar vazão a toda a sua polemica de vítima analítica, pode me atacar e me atingir sem piedade.

Como é fácil supor, este nó contratransferencial não sempre é fácil de ser atravessado.

Michele parece possuir uma capacidade especial de criar, entre si mesmo e o outro, um clima de irritada desconfiança. A percepção da resposta silenciosa ou defensiva do interlocutor torna-se o ponto de partida para um novo ataque.

Devo dizer que, entre todos os pacientes que tive, este é um dos que colocou a dura prova a minha contratransferência.

Para dar um breve exemplo da forma perversa com a qual Michele transforma o outro em um objeto ruim, colocando-se na posição da vítima inocente, quero relatar sua resposta em seguida a uma comunicação minha quanto à necessidade de desmarcarmos uma sessão.

Por nada chateado com a minha comunicação, Michele pergunta as razões dessa mudança. Eu as forneço (trata-se de trabalhos de marcenaria que necessitam ser efetuados na sala ao lado da sala de análise e que tornam impossível a sessão por causa do transporte de material, além do barulho em si), mas ele se declara insatisfeito e insiste para que eu o informe sobre detalhes da operação. Quando lhe digo que me parece ter fornecido suficientes informações, ele se insurge me atacando e me acusando de lhe impedir o conhecimento ou de querer inibir sua curiosidade.

A escolha da resposta é um problema delicado da análise de Michele: a compreensão de seu estado mental deve conter uma posição firme que impeça a sua imposição arrogante sobre os outros (e, na transferência, sobre mim) e, ao mesmo tempo, analise o contínuo ataque a uma possível dependência boa de um objeto humano.

Mesmo sendo uma repetição da traumática experiência do passado, o rancor e o desprezo na transferência constituem também um ataque às figuras dos pais enquanto tais.

Em outras palavras, servem para a manter a idéia, própria da perversão e da pedofilia, de que os pais não existem ou, quando existem, são objetos denegridos e degradados (Chaseguet-Smirgel, 1985).

Os ataques aos pais (e ao analista na transferência) têm o objetivo de justificar e de exaltar o mundo pedófilo, superior a qualquer outro. Apesar da raiva consciente pela traição e pela pouca confiabilidade da mãe, o paciente está imerso no mesmo imaginário; assim como ela, está fascinado pelo mundo adolescente masculino, é atraído sexualmente por ele e, como ela, gostaria de seduzir adolescentes bonitos.

Michele, porém, absolutamente não está disposto a considerar o fato evidente da sua identificação com a mãe: qualquer interpretação nesse sentido provoca irritação e raiva.

A sexualização

A sexualização colore constantemente os sonhos e os relatos analíticos do paciente.

Em um sonho do terceiro ano de análise o paciente está junto com uma criança. Eles estão abraçados e rolam na neve. O paciente sente um prazer sexual: a condescendência da criança o excita e o prazer nasce de um sentimento de total acordo e capacidade de adaptação do objeto.

A frieza (a neve) e a condescendência certamente são uma referência à ausência de emoções na penetração corporal.

Assim o sonho alude à possibilidade de penetrar e de anular, esmagando o objeto embaixo de si mesmo: isto excita o paciente.

A “condescendência” psicológica do parceiro criança confirma ao paciente a sua superioridade e o seu triunfo sobre um objeto submisso e dominável.

Em uma sessão sucessiva, Michele fala de Nino, um menino com qual está fazendo uma brincadeira e que quer mostrar a sua habilidade no jogo.

Aos olhos do paciente, ao contrario, Nino tenta se exhibir homossexualmente como objeto de prazer. Um esbarrar das mãos leve e casual torna-se, para ele, uma implícita solicitação homossexual; ele tem que retribuir, o rapaz não deve sofrer uma desilusão.

Para o paciente, Nino é uma reserva de prazer e felicidade. A homossexualidade pedófila surge como uma verdade revelada: é a verdadeira dimensão da vida.

Descrevi essa seqüência para destacar o quanto a dimensão pedofilia adquire, para Michele, o caráter de revelação estática.

O paciente fala do grupo de adolescentes como de uma entidade autosuficiente, uma mônada cheia de equilíbrio e sabedoria na qual, além do mais, o exercício da sexualidade não necessita de estranhos. Os rapazes, sábios e cheios de todas as boas qualidades, se masturbam e fazem sexo entre eles.

No estado mental sexualizado, o rapaz se torna um objeto que emana continuamente prazer. É equiparado ao seu pênis que está sempre à sua disposição e que se excita prontamente quando é estimulado.

O pênis ereto do rapaz pode ser chupado à vontade: todos os homossexuais o disputam.

É a excitação do mundo sexual-oral infantil, da avidez que permite vislumbrar a existência do país da alegria, da gratificação absoluta e inexaurível.

Para manter viva a excitação e alimentar o prazer, qualquer inclinação à bondade e ajuda ao objeto deve ser eliminada e sacrificada ao gozo do triunfo e da posse. A excitação nasce da certeza de possuir o objeto de prazer de forma exclusiva, dos sentimentos de domínio em poder usá-lo, incluindo uma cota de sadismo ao tocá-lo, beliscá-lo, atormentá-lo, senti-lo pronto aos seus comandos.

Para poder usufruir da sua fantasia, ele precisa se afastar do mundo e da presença dos pais e do analista; a existência destes diminui o nível do envolvimento mental e a vivacidade da fantasia perversa.

O caráter delirante do retiro pedófilo (“a outra realidade”) aparece em alguns sonhos que são verdadeiras construções psicopatológicas.

Em um sonho, por exemplo, aparece o irmão Antonio que o paciente tenta seduzir eroticamente. Antonio se afasta e se defende, então ele “materializa” um tapete voador no qual o convida a subir. O irmão sobe e torna-se imóvel e passivo, o paciente então chupa seu pênis ereto.

A transformação, que o paciente realiza através do “tapete voador”, coloca o objeto no mundo “outro” da sexualização e leva o paciente para uma dimensão acima da realidade.

Neste sonho (como em outros do mesmo paciente) o aspecto delirante e específico da pedofilia é representado justamente pela transformação da figura do irmão que, representado inicialmente como uma pessoa viva e separada, torna-se um objeto passivo e sexualizado. A mudança acontece através da utilização do instrumento onipotente da fantasia (o tapete mágico que permite desafiar o princípio da realidade e voar).

Do meu ponto de vista, o sonho mostra também como opera a sexualização apagando a vitalidade e a autonomia do objeto e do próprio paciente.

Transformações em análise

Primeira Fase

Fazem parte deste período a contínua pressão propagandista para afirmar sobre mim a superioridade de seu mundo perverso assim como os momentos mais difíceis de um ponto de vista contratransferencial. O paciente me ataca também porque vê em mim um possível antagonista que pode privá-lo de seu mundo fantástico e excitado que o leva ao gozo do triunfo e da posse.

Para evitar o risco de ser também arrastado no circuito sadomasoquista, tento, nestes momentos, lembrar que Michele foi, desde a infância, uma criança sofrida e doente.

Como disse antes, a primeira parte da análise está constantemente dominada pelo poder excitante das fantasias pedófilas sadomasoquistas que aparecem tanto nas fantasias a olhos abertos quanto nos sonhos.

Logo que a análise começa, Michele pára de se masturbar, hábito que no passado havia alcançado formas de compulsão exasperada e que esteve presente desde a primeira infância.

Durante todo o primeiro período, entretanto, ele utiliza o sonho noturno para entrar na mesma dimensão masturbatória que ele se impede durante a vigília.

Nesse período o sonho não é um “sonhar” mas um “agir”.

Geralmente o “sonho” reproduz uma cena perverso-pedófila e se conclui com uma ejaculação noturna.

Como é fácil compreender, sonhos desse tipo não remetem simbolicamente a uma outra coisa: são verdadeiros acting.

Entretanto, também esses sonhos são importantes porque lançam uma luz sobre seu mundo interno, me permitem descrever ao paciente seus processos mentais: especialmente os conflitos, as seduções ou o prevalecer da parte perversa sobre aquela sadia do self.

Neste sentido, mesmo que o paciente geralmente ofereça poucas associações ao sonho, a sua produção onírica permite uma constante visualização de seu funcionamento mental e, mais adiante, torna-se um importante meio de comunicação que focaliza a função do analista no seu mundo interno ou, às vezes, esclarece a natureza de suas mudanças de perspectiva e de seus processos evolutivos.

De vez em quando emergem testemunhos de um self dilacerado pela crueldade.

Por exemplo, em um sonho deste período há um tubarão branco, capturado por um pescador. Do corpo dilacerado do peixe saem as espinhas, mas o pescador se recusa a matá-lo definitivamente porque quer levá-lo para casa vivo para comê-lo fresco¹.

Através das associações emerge que o tubarão representa o self libídico, sadio e voraz. O sadismo pertence ao homem que se excita com a idéia de devorar carne viva.

Diferente do que acontece quando Michele entra no estado mental perverso, neste sonho ele exprime angustia e medo pelo seu self exposto à brutalidade sádica. A distinção entre perseguidor (o pescador) e vítima (o tubarão) torna-o sensível às emoções dolorosas e à percepção da crueldade.

O contato emocional, ao contrario, é eliminado quando prevalece a colonização perversa.

Sonha que: “Dois rapazes estão lutando. No final, um dos dois diz em voz alta que agora tem que se desinchar, referindo-se ao fato que precisa descansar; declara que irá chupar o seu próprio pênis ereto. O paciente se sente excitado, como se reconhecesse algo seu nas palavras do rapaz. Ao lado está o professor da academia que não intervém, considerando a declaração do rapaz algo de menor importância”.

¹ Este sonho está relatado também na pág. 111-112 do meu livro “ A perversão sadomasoquiosta. O objeto e as teorias” (1999)

Faço a hipótese que no sonho o rapaz represente a parte sexualizada que o excita e o conquista. O instrutor que não intervém representa um pai (o analista) emocionalmente ausente e indiferente ao perigo do retiro sexualizado.

Em uma sessão do quinto ano de análise, Michele descreve o quanto se sentiu marginalizado na casa de seus pais onde esteve nas férias, anulado pela comparação com os outros irmãos e irmãs que estavam com os relativos parceiros.

De noite, ele se refugia no banheiro e com uma fotografia que retrata adolescentes constrói uma fantasia excitada na qual um sátiro seduz o rapazinho.

O mundo muda e a realidade é só sexualizada: este mundo o captura e o conquista.

Nos dias seguintes essa mistura excitante ira acompanhá-lo, inflamando a sua mente e ele não será mais livre.

Durante a sessão o paciente lamenta ter dado início, mais uma vez, à experiência pedófila perversa.

Está desarmado: tem a impressão de ser como um organismo alérgico que encontra no ambiente um pólen capaz de criar uma reação explosiva. Ele pode somente tentar evitar o agente alérgico, mas uma vez que o contato aconteceu, não pode combatê-lo.

Este último material caracteriza uma fase da análise em que começa a se tornar evidente o desejo do paciente de se subtrair ao poder do núcleo sexualizado pedófilo.

Neste período ele começa a entrever a existência de um rapaz que não se masturba, que não permanece em atividades orgiásticas e que mantém a sua mente aberta ao contato com o mundo. Em outras palavras, começa a surgir um self perceptivo que observa e que entra em conflito com a parte sexualizada.

Quando o paciente se subtrai ao fascínio da parte perversa pedófila, a evidência da sua loucura masturbatória o coloca em um estado de desespero.

Contemporaneamente, também o clima da relação analítica muda. Os ataques e as polemicas diminuem: o paciente parece estar menos colonizado pelo mundo da perversão e transferencialmente menos impulsionado à polemica com as figuras parentais.

Segunda fase

No segundo período da análise (a partir do sexto ano) emerge uma nova configuração da fantasia pedófila.

Para ilustrá-la apresento uma sessão que antecede uma separação analítica de verão.

Michele fala do adolescente Mario que lhe pareceu evasivo e fugidio no momento de separar para as férias de verão.

Teve um sonho cheio de angústia: “Ele está sobre os joelhos desse adolescente em uma atmosfera de intimidade erótica e brincalhona. Aos poucos Mario se afasta dele e desaparece. O paciente se sente sozinho e desesperado”.

O paciente declara que a responsabilidade do desaparecimento do rapaz é dele: deveria ter-se ocupado mais dele, dedicado todas as suas energias para mantê-lo consigo.

Mario, diz o paciente, é sábio, conhece o segredo de viver e de ser alegre, a sua presença o teria tornado feliz; ele, o paciente, tem necessidade da sua constante proximidade.

A sua culpa reside no fato de não ter conseguido fazer todo o possível para mantê-lo consigo. O desaparecimento do rapaz aconteceu por sua responsabilidade.

Ouvindo o paciente me pergunto se ele não representou, no sonho, a angústia pela próxima separação analítica. Mas, dentro de mim, considero pouco plausível uma interpretação deste tipo.

Neste período da análise sei que Michele pode estar irritado pela separação de verão, pode traduzir sua ira em uma polemica lateral, mas não está angustiado.

Então faço a hipótese que a angústia presente no sonho não se refere à próxima separação analítica mas, ao contrário, descreve a experiência de uma criança que não tem mais condições de sustentar sua ilusão de possuir um seio alucinado que o nutre. A angústia deriva do desaparecimento do objeto de ilusão e da contemporânea ausência do objeto real.

É o rapaz que, no sonho, permite momentaneamente ao paciente uma boa experiência de acolhimento materno. Quando, porém, a experiência de suporte afetivo e de tenro contato físico acaba, Michele encontra a depressão primária.

O sonho parece remeter à fusão com um objeto ideal. Aqui a união não é erotizada, mas representa uma necessidade de suporte do self que impede a queda no desespero sem nome. Intuo que o sonho descreve o mundo interno de Michele e fala da sua dependência de um objeto idealizado na fantasia.

No sonho, portanto, o objeto ideal perdido (ou, se preferirmos, o objeto-self) não é um substituto simbólico materno, mas um objeto de fantasia que está no lugar da mãe.

Digo ao paciente que ele deseja viver uma relação recíproca e significativa: isto o ajudaria a não se sentir tão terrivelmente inexistente para o outro.

No sonho há uma parte dele, criança não sustentada, que se refugia nos braços de Mario. Quem guia o outro ou quem tem necessidade de quem, e de quais necessidades se trata, torna-se muito confuso. Digo-lhe também que estar junto com o rapazinho em um retiro idealizado lhe impede de viver a relação comigo e de colocar a questão, antes que aconteça o afastamento de mim, se posso ser eu o objeto capaz de entender suas necessidades e de estar com ele durante a separação analítica.

No sonho, a ilusão de ser auto-suficiente e feliz na veneração do ídolo-rapaz decai e ele se sente acusado pelo objeto idealizado de ser a causa da sua desgraça.

O ídolo, diz o sonho, exige submissão e dedicação total, se você o perde cai na infelicidade e é culpado.

Terceira fase

Também neste período o paciente continua passando quase todo o seu tempo livre com o grupo de adolescentes de sexo masculino, compartilha com eles a vida e quer ser um deles. A necessidade de estar inserido no grupo dos rapazes é contínua, a sua ausência desvitalizante.

Também me dou conta que a busca de uma relação exclusiva com os rapazes lhe serve contemporaneamente para reforçar a sua identidade masculina. De fato, na adolescência Michele tinha-se auto-excluído do grupo dos meninos da mesma idade e tinha ficado em contato somente com figuras femininas (a mãe e algumas colegas da escola). Em suas palavras, havia-se “feminilizado”.

Além disso, a convivência com os rapazes, nos quais são evidentes os conflitos, incertezas ou crenças ingênuas, contribui para diminuir sua idealização do mundo adolescente.

Neste período, a relação analítica se reforça: cada vez mais freqüentemente o paciente se dirige a mim como alguém que pode ajudá-lo a se entender e a entender o mundo.

A fantasia sexualizada aparece novamente em relação às vicissitudes da transferência e nos momentos de conflito.

Por exemplo, durante uma minha breve e imprevista ausência, sonha que “pega uma varinha chinesa e bate no seu pênis, enquanto o analista aparece com uma expressão confusa”. Mas, logo depois “procura sites pedófilos na Internet, mas aparece o analista que o protege, enquanto vislumbra uma pequena chama que ilumina a sala”.

No primeiro sonho, o retiro sexualizado aparece novamente como defesa onipotente que deveria apagar a percepção da falta do analista, que é equiparado a um pai desatento e confuso. No segundo, a presença do analista no mundo pedófilo testemunha que o retiro masturbatório tem uma maior permeabilidade e permite um certo grau de consciência. Neste

período é muito mais fácil que Michele perceba quanto o retorno do fascínio da relação pedófila é sustentado pela identificação patológica com a mãe (coisa que no início da terapia ele rejeitava com força).

O retorno da fantasia perversa aparece também em outras situações de frustração. Por exemplo, entrando em conflito com um adolescente filho de amigos, constrói uma fantasia na qual este rapaz está deitado em um porão, pronto para ser abusado por adultos.

O elemento novo, que começa a entrar nas sessões, é representado pelo fato que a fantasia perversa pode ser gradualmente compreendida e privada de seu poder invasivo durante a própria hora analítica.

A saída definitiva do mundo da pedofilia coincide com o seu apaixonamento por um objeto real e vivo, um rapaz de dezoito anos.

Pela primeira vez em sua vida Michele vive uma relação amorosa, sem fantasias sexualizadas, dirigida a um objeto separado e real.

Este seu primeiro apaixonar-se, cultivado em segredo, o expõe porém a tempestades emocionais desestabilizadoras.

A perda do rapaz, que em certo momento se afasta dele, determina um prolongado período de dor psíquica, agudo sofrimento somático (insônia e anorexia), depressão e pânico.

A experiência do sofrimento e da desilusão, compartilhada na relação analítica, leva Michele a uma maior emancipação do mundo dos rapazes.

Daquele momento em diante, de fato, começa a valorizar a relação com os adultos, considerados mais confiáveis e menos decepcionantes que os adolescentes.

Nas amizades com pessoas de sua idade começam a aparecer também algumas figuras femininas.

A ligação com este jovem, que constituiu para o paciente uma experiência inédita, ajuda o paciente a reconhecer a existência de um mundo afetivo antes negado em todos os níveis.

Ele continuará a pensar nessa relação como em algo que pode ser mantido na lembrança de forma estável e pode constituir a chave para compreender o significado da experiência amorosa antes incompreensível porque desconhecida.

Poderíamos afirmar que, atualmente, o terreno pedófilo foi bonificado. O rosto do rapaz, que antes sugeria confiança, ternura e amor, também sexual, não desperta mais fantasias deste tipo.

Para o paciente tornou-se mais remuneradora a relação com os adultos da sua idade.

Na relação analítica a dependência emocional de mim é estável e não é mais negada pela fantasia de fusão com o adolescente. Mesmo não tendo sido completamente eliminado, o poder do mundo pedófilo diminuiu muito. Agora o paciente é capaz, quando a fantasia pedófila novamente aparece, de ligá-la ao objeto e à constelação emocional que a gerou, compreendendo seu significado defensivo ou agressivo.

O mundo pedófilo permanece como um resíduo do passado, que não é possível remover da memória e que poderia ainda tornar-se atual, mas está bem balanceado e contido pelas partes conscientes que se desenvolveram.

O paciente afirma que ele se potencializaria somente na presença de “professores ruins”, isso é, se ele abolisse novamente as ligações da mente com a realidade emocional. Então, poderia ser novamente aprisionado no mundo claustrofóbico da pedofilia.

Mas não crê mais no poeta medieval que proclama que estar no “castelo com Ganimede” é um privilégio em relação à sexualidade normal.

Considerações

Creio que a pedofilia possa ser considerada uma perversão sexual com caracteres específicos. As perversões são caracterizadas por um retiro psíquico onde uma fantasia sexual é central para alcançar o prazer masturbatório.

A fantasia de base e a forma de realizá-la podem ser diferentes (no sadomasoquismo, no exibicionismo, no travestitismo, no fetichismo, na pedofilia etc.), mas o objetivo excitatório e masturbatório permanece o mesmo.

A fantasia sexualizada, que se instala precocemente na infância do futuro perverso, bloqueia o desenvolvimento da parte sadia da personalidade atirando-a na experiência do prazer drogado (De Mais, 1999).

Do meu ponto de vista, a perversão pedófila é sustentada por um específico núcleo delirante, uma *misconception* (Money Kyrle, 1951), uma organização patológica do mundo interno, em que um objeto altamente idealizado, venerado e tratado como um ídolo, toma o lugar dos pais. Este núcleo, cindido do resto da personalidade, se apresenta como única fonte de gratificação e exerce um fortíssimo poder sobre o paciente, orientando e colorindo qualquer manifestação de sua vida.

A cisão entre retiro sexualizado e o resto da personalidade é bem descrita no caso apresentado por Socarides (1959).

O seu paciente, gravemente traumatizado na infância, vivia duas vidas separadas. Em uma, que denominaremos A, percebia-se como uma pessoa gentil e capaz de relações. Quando era invadido pela angustia, transformava-se em B, cujo único objetivo era o de possuir sexualmente uma criança. No desempenho sexual o parceiro deveria permanecer imóvel e não sentir nenhum prazer. Quando se tornava B, o paciente era completamente inconsciente da existência de A.

A cisão entre as duas partes lhe permitia de conduzir o acting pedófilo de forma a nunca entrar em conflito com ele.

Também no caso relatado por Glasser (1988) o paciente tinha duas modalidades de experiência pedófila. A primeira, centrada na beleza do adolescente, o levava a venerar a figura do rapaz. A segunda, completamente sexualizada, lhe indicava a penetração anal do rapaz como a forma de alcançar um orgasmo permanente.

Também o meu paciente apresentava uma cisão análoga entre aspectos idealizados e sexualizados.

Mas, no meu caso, a fantasia pedófila não intervinha para aplacar a angústia, mas fazia parte de uma sofisticada e complexa construção da ilusão.

No curso da análise, a crença (*misconception*) da existência de um bem estar absoluto no mundo da “rapacidade”, foi defendida pelo meu paciente com implacável determinação e esteve no centro de acaloradas polêmicas comigo.

O paciente queria ter, em mim, alguém que acreditasse e se entusiasmasse por este mundo que se apresentava inefável e rodeado por uma atmosfera de prazer em todos os níveis. Para sustentar a realidade da sua construção delirante eu tinha que compartilhar a sua mesma ilusão.

Poderíamos nos perguntar qual pode ter sido o impacto negativo que o levou para a idealização do mundo infantil, que adquiriu para ele um caráter de ilusão tão intensa.

Algumas concatenações familiares traumáticas podem tê-lo levado ao mundo da pedofilia.

A mãe, que na infância tinha estimulado as expectativas narcísicas de Michele, depois o havia traído na adolescência, apaixonando-se por um rapaz da mesma idade do filho.

Na análise, o paciente tinha se tornado aos poucos consciente de que a traição materna estava na base da orientação homossexual e da sua aversão pelo mundo feminino.

Juntamente com o mundo feminino materno tinha sido desvalorizado também aquele masculino paterno.

Michele lembrava de um pai que exigia submissão e que o submetia a sistemáticos castigos. O ódio pelo pai, talvez, era ainda mais profundo daquele nutrido pela mãe.

O único mundo que sobreviveu e foi idealizado foi o infantil-adolescente.

Era o mundo feliz da sua infância, das brincadeiras e das fantasias. Este mundo único tinha sido rigidamente contraposto ao mundo adulto.

O rapaz era imediatamente considerado perdido e afastado quando crescia e quando em sua fala começavam a surgir as garotas. Michele não entendia porque, atraído por figuras femininas, o rapaz se afastasse do grupo monossexual de adolescentes.

Destaquei várias vezes o fato de existir, na área da pedofilia de Michele, um elemento (romântico) que nascia da idealização do mundo infantil. De fato, era possível captar neste âmbito alguns aspectos bons-idealizados da sua inclinação para o mundo infantil, ainda que esses mesmos elementos implicassem em uma percepção alterada da realidade psíquica.

O elemento mais propriamente perverso da pedofilia estava em estreita conexão com o retiro sexualizado da infância e incluía a fantasia sadomasoquista em que um objeto submisso participava ativamente do prazer do parceiro.

Uma das fantasias mais freqüentes deste período era a de poder cavalgar um cavalo que no fim caía pelo cansaço, imolando-se ao seu poder e ao seu comando. Desta submissão altruística do animal, que ficava exaurido pelos comandos do dono, o paciente extraia um enorme prazer sensual.

Esta série de fantasias infantis, alimentadas ao longo do tempo e constantemente remodeladas e enriquecidas nos anos sucessivos, explicam o afirmar-se da perversão sadomasoquista da idade adulta.

Tecnicamente, pareceu-me muito importante manter separados e distintos os dois aspectos, o perverso e o idealizante, reconhecendo neste último alguns elementos relacionais passíveis de desenvolvimento.

À medida que o processo analítico avançou, a relação entre a parte sexualizada e a ideal foi se modificando em favor da segunda.

Do primeiro período, caracterizado pela excitação drogada sadomasoquista, chegamos ao segundo, no qual prevaleceu a idealização e a independência fusional do mundo infantil (em parte usado com função anti-analítica), para chegarmos no terceiro, no qual o paciente adentrou de forma estável no mundo psíquico e emocional.

Creio que essa transformação foi possível pelo fato de eu me colocar constantemente ao lado do paciente para investigar suas fantasias perversas para ajudá-lo, sessão após sessão, a distinguir entre partes sadias a serem desenvolvidas e partes sexualizadas a serem contidas e transformadas. Esta minha posição coincidiu com uma constante preocupação de minha parte pelas áreas confusionais, que deviam ser constantemente e repetidamente analisadas.

O risco de ser identificado com um genitor ausente e confuso (assim estou representado no penúltimo sonho descrito) estava sempre presente e podia tornar-se concreto na presença de respostas analíticas pouco discriminantes.

Lembro que em uma sessão Michele havia trazido a fotografia de um time de adolescentes que estava se preparando para um jogo de futebol. Dois desses rapazes apareciam com as mãos diante dos genitais e esta posição era para o paciente a prova de que todos adolescentes se masturbam entre si. A veemência polêmica do paciente em relação a mim (eu era equiparado a um interlocutor que negava essa sua afirmação) tinha sido, naquela sessão, de tal ordem a ponto de inibir meu pensamento.

Banalizei a questão até observar, en passant, que aquela posição podia ser completamente casual.

No dia seguinte Michele voltou à sessão ainda mais bravo. Atacou-me dizendo que eu havia sustentado que era normal se masturbar, que todos os rapazes o faziam, que eu era como sua mãe que o convidava a se masturbar (na realidade a mãe, quando ele tentava explicar-lhe o prazer que sentia com a masturbação, lhe respondia que masturbar-se era normal para todas as crianças).

Creio que nesse caso o paciente tivesse razão em me atacar. Eu não tinha entendido o problema da sessão anterior e havia me comportado como uma mãe distraída e que confunde. Havia lhe fornecido uma resposta banal que tinha sido tomada por ele como um convite à masturbação, enquanto ele tinha necessidade de me sentir completamente como um pai que entende a experiência da criança, mas não apóia sua visão sexualizada.

Este fragmento clínico mostra como foi importante dar ao paciente uma experiência na qual a boa e a má sexualidade são separadas de forma clara.

Devo observar também que, enquanto na primeira sessão o paciente tenta me colonizar com sua propaganda sexualizada (daí a minha reação contratransferencial inadequada), na sessão seguinte se apresenta com a parte sadia que se contrapõe à parte sexualizada que foi projetada, com sucesso, em mim.

Os dois aspectos estão cindidos e em ambas as sessões eu represento uma das duas partes, (ou a sexualizada, ou a sadia), projetadas fora dele.

Neste sentido considero que, paralelamente à crença de poder prescindir da dependência analítica porque possuidor do objeto idealizado (como aparece no sonho do adolescente Mario), Michele havia desenvolvido, desde o início, uma enorme dependência psicológica de mim, que pode ser explicada como a necessidade extrema de se libertar de zonas de confusão, vividas inconscientemente como perigosas produtoras de loucura (neste sentido, o primeiro sonho da análise é muito significativo).

Foram necessários longos anos de trabalho para permitir ao paciente de se subtrair ao poder da área sexualizada e de se abrir ao crescimento emocional no interior da relação analítica.

Quando isso aconteceu, me dei conta de como o estado de retiro sexualizado tivesse realmente despojado a sua mente, tornando-lhe difícil percorrer o mundo das relações afetivas. De fato, essa passagem o encontrou completamente despreparado e o expôs a tempestades emocionais desequilibrantes.

Conclusão

Por causa do poder toxicômano do núcleo sexualizado, a terapia das perversões pedófilas é longa e trabalhosa. A característica fundamental desse tratamento é a distancia inicial que divide os dois protagonistas.

Por quanto o analista possa estar disponível a entender e a ouvir empaticamente o paciente, o mundo da pedofilia lhe aparece, no início, incompreensível e desoladamente distante.

Para fazer com que a esperança de uma possível transformação não seja anulada pelo cinismo e pela prevaricação com a qual o paciente defende sua posição, o analista precisa conservar, por longo, tempo um equilíbrio e um interesse constante pelos mistérios e pela particularidade do mundo pedófilo.

Nós não estamos completamente desarmados, na terapia da pedofilia, se conseguimos “entendê-la” bem.

A evolução desse caso levaria a pensar que, se tratadas analiticamente, algumas formas de pedofilia podem ser passíveis de mudanças.

Devo também destacar, entretanto, que no caso de Michele a atração em direção ao mundo da pedofilia se acompanhava, desde o início, com a angustia de vir a ser totalmente colonizado por essa atração e de se perder. Este elemento, que considere um prognóstico positivo, pode não estar presente em outros casos de perversão pedófila.

Nesta contribuição, tentei focar a relação analítica e a evolução do núcleo pedófilo do paciente, sem poder descrever detalhadamente o trabalho analítico dedicado à estrutura da sua personalidade, das suas angustias psicóticas e da sua inclinação para relações sadomasoquistas, que impregnaram a transferência analítica por longo tempo.

Uma atenção especial foi dada à sua forma específica de homossexualidade, que implicava uma recusa e um ódio absoluto pela figura feminina.

Por outro lado, não creio que estes aspectos sejam específicos da pedofilia, que pode se inscrever em estruturas de personalidade muito diferentes, como aparece na literatura sobre o assunto e como notei em outros casos que pude observar.

BIBLIOGRAFIA

- Arundale, J.(1999) Notes on a Case of Paedophilia. In *Psychoanalytic Psychotherapy in the Kleinian Tradition*, edited by Stanley Ruzsyczynsky and Sue Johnson. Karnac, 1999.
- Barrie, J. (1904) *Peter Pan*. Mondadori, Milano, 1996.
- Cantarella, E. (1988) *Secondo natura. La bisessualità nel mondo antico*, Editori Riuniti, Roma
- Carrol, L. (1865) *Alice nel paese delle meraviglie*. Giunti-Marzocco, Firenze. 1995.
- Chasseguet Smirgel, J.(1985) *Creativity and Perversion*. Free Association Books, London,
- De Masi, F. (1999) *Il mondo del pedófilo*. In *Pedofilia. Come proteggere l'infanzia da vecchi e nuovi abusi*. Famiglia Oggi. Dicembre 1999.
- De Masi, F.(1999) *La Perversione sadomasochista. L'oggetto e le teorie*. Bollati Boringhieri, Torino. Tr. ingl. *The sadomasochistic perversion. The entity and the theories*. Karnac 2003.
- Freud, S. (1905) *Tre Saggi sulla teoria sessuale*. Vol.4 OSF, Boringhieri, Torino.
- Freud, S. (1919) *Un bambino viene picchiato (Contributo alla conoscenza dell'origine della perversione sessuale)*. Vol. 8, OSF Boringhieri, Torino.
- Freud, S. (1924) *Il problema economico del masochismo*. Vol.10, OSF, Boringhieri, Torino.
- Glasser, M. (1988) *Psychodynamic aspect of paedophilia*. *Psychoanalytic Psychotherapy* Vol.3 N.2 121-135.
- Karpman, B. (1950) *A case of paedophilia (legally rape) cured by psychoanalysis*. *Psychoanal. Rev.* 37.235-276.
- Krafft- Ebing, R. (1902) *Psychopatia Sexualis*. New York: G.P. Putnam's Sons, 1965.
- Jaria A. (1969) *Contributo allo studio della pedofilia e delle sue implicanze psichiatrico-forensi. Il lavoro neuropsichiatrico*. Vol.44, fasc.3 1969.
- Mann, T. (1912) *Morte a Venezia*. Mondadori. Milano, 1988.
- Money Kyrle, R. (1971) *Lo scopo della psicoanalisi*. In *Scritti (1927-1977)* Bollati Boringhieri. Torino, 2002.pp. 640-649.
- Meltzer, D. (1973) *Sexual states of the Mind*. Clunie Press, Perthshire 1973.
- Nabokov, V. (1955) *Lolita*. Adelphi, Milano 1993.
- Schinaia, C. (2001) *Pedofilia, pedofilie. La psicoanalisi e il mondo del pedófilo*. Bollati Boringhieri, Torino.
- Socarides, C. W. (1959) *Meaning and content of a paedophilic perversion*. *J. of the Am. Psychoanal. Ass*, Vol VII N. 1-4
- Socarides, C. and Loeb, L (2004) *The Mind of the Paedophile*. *Psychoanalytic Perspectives*. Karnac. London.